

3º exercício prático
Projecto 1_2019/20

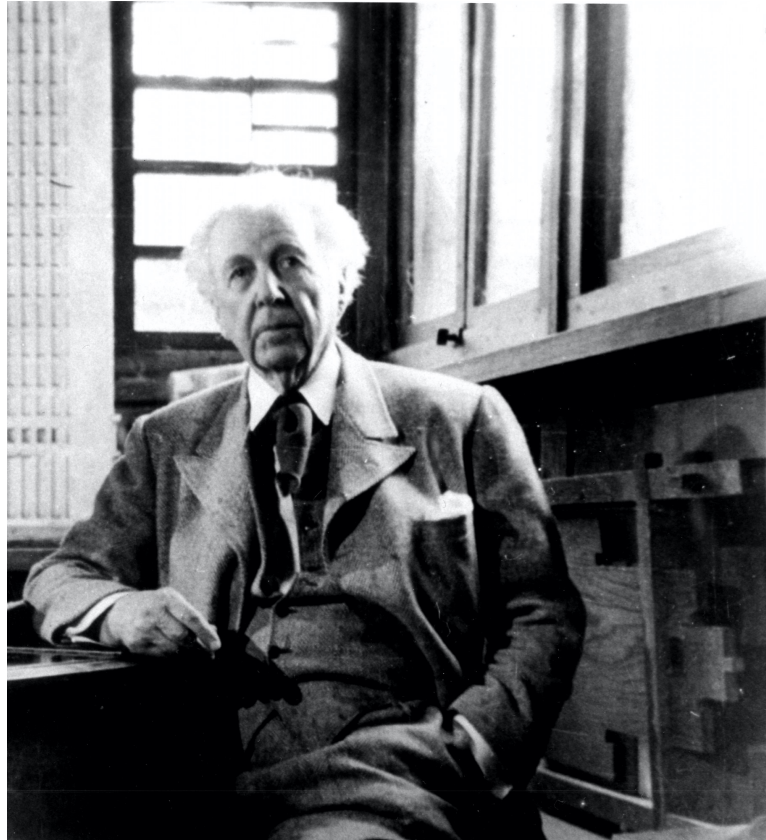
Habitar_uma casa
O desenho de_Frank Lloyd Wright

Temas:
- representação. desenho.

Taliesin; Spring Green, Wisconsin, 1911



Robie house, Chicago, 1908-09



Frank Lloyd Wright
(1867-1959, USA)

Falling Water house, Mill Run, Pennsylvania, 1934-36



Guggenheim Museum; New York City, New York, 1956



Visita de Fernando Távora a Taliesin, 1960.

Texto de Fernando Távora, do seu Diário de Viagem aos Estados Unidos em 1960, aos 37 anos.

«Dia grande! Uma bela manhã de Primavera. Às 9 e pouco estava a perguntar ao homem do Hotel o caminho para Taliesin. “Talvez tomando um bus para Spring Green...”, o melhor é perguntar ali em frente. Lá fui aos bus. Sim senhor, às 10,45 e está às 11,54 em Spring Green. A viagem correu normalmente. A paisagem bonita, com grandes campos e colinas suaves. Spring Green é uma pequena aldeia rural.

Quando saí do bus sabia apenas que estava em Spring Green, nada mais. Achei por bem dirigir-me ao edifício dos Correios, ali perto da paragem do bus. Perguntei à Senhora: “Pode dizer-me como posso ir a Taliesin?” “Tem de voltar para trás e atravessar a ponte nova, mas agora não está lá ninguém; eles ainda não voltaram”. (A Senhora julgava que eu tinha carro e além disso que os queria ver). “Mas eu não tenho carro, não é possível alugar um táxi, ou ir a pé?”; “A pé? São umas 6 ou 7 milhas e táxis... não me parece possível...” Entrou então na conversa um homem de idade que depois soube ser o marido da Senhora (o Correio estava mesmo para fechar); o homem coçou o queixo e insistiu. “A Taliesin, mas o Sr. não vê nada e aqui não há táxis...; talvez numa garagem arranje alguém que o leve...”. “Não tenho pressa, disse, queria almoçar primeiro e seguir depois; volto para Madison às 7 e tal, portanto tenho muito tempo”. “Almoçar? Só se comer uma sandwich, ali (e apontou-me uma casa) porque aqui não há restaurantes... mas o mais difícil é ir a Taliesin...”; “...nem que eu tenha de ir a pé, vim de Portugal para ver Taliesin...”. O argumento foi decisivo. O homem disse-me então: “Há-de-se arranjar transporte...”. Neste momento parou um carro em frente ao Correio e o velhote deu-me um pequeno empurrão e disse: “Peça àquele senhor, talvez ele possa lá ir...”. Cheio de coragem (a necessidade faz milagres) avancei e perguntei: “Please Sir, are you going to Taliesin?” “I? Not now” e avançou sem me ligar importância. O velho então entrou em acção e contou-lhe a minha desdita; “Mas eles não estão lá, está tudo fechado” – “Mas eu tenho de ir...” – “Vá então almoçar e à meia hora eu vou buscá-lo ali”. Dei um suspiro de alívio; se o correio fechava sem eu resolver o meu problema não sei o que seria de mim.

Para “variar” comi “hamburguer” e bebi um copo de cerveja e à hora combinada estava cá fora. O homem apareceu pontualmente.

Entramos no carro e eu contei-lhe com mais pormenor a minha história; “mostro-lhe tudo, conheço muito bem Taliesin e conheci Mr. Wright; trabalhei com ele algumas vezes...”

“O caminho agora é mais longo porque construíram uma ponte nova e é preciso ir à “highway”. Lá saímos de Spring Green, entramos na dita “highway” num percurso pequeno e metemos à direita; “aquela pedra foi ali posta há tempo por Mr. Wright, naturalmente para gravar alguma coisa, mas nada fizeram depois dele morrer...”. “E pode ver-se o sítio onde ele está enterrado?”. “Pode, está junto de uma pequena capela, eu mostro-lhe” – Fomos andando. Em certa altura o homem parou o carro e mostrou-me o sítio da velha ponte sobre o rio; “foi nesta estrada que morreu a filha de Mr. Wright, um desastre de automóvel, há anos; aqui (e centrou-me o lado oposto ao rio) Mr. Wright comprou uma “farm” e começaram a construir um edifício, creio que para um restaurante; ele queria construir sobre a estrada, mas “eles” não deixaram...”.

Vi então a estrutura de um edifício que domina todo o rio e cuja construção deve estar suspensa já há tempo. “É possível que a “fellowship” acabe a construção. Eles querem continuar os trabalhos de Mr. Wright...”.

Seguindo um pouco e ao fim de uns segundos eu via, cortando o ponto mais alto de uma colina, a casa de Wright; afastada, uma outra colina, mas situado na encosta, o conjunto de edifícios vermelhos (dum vermelho terra), de uma “farm”. É um momento que não posso esquecer, o desse primeiro contacto com Taliesin. A paisagem sem ser grandiosa é grande e os edifícios sem serem grandes sentem-se perfeitamente na paisagem, sem, de qualquer modo, a desvalorizarem. A ideia de Taliesin como uma construção desfez-se nesse momento no meu espírito; Taliesin é uma paisagem, Taliesin é um conjunto, em que é porventura difícil distinguir a obra de Deus da obra dos Homens. Devo dizer, além disso, que o sítio é duma beleza surpreendente...

Mas o Senhor não me dava tempo para pensar; vamos ver agora o sítio onde Mr. Wright está enterrado. Seguimos. Passamos pela entrada da casa, cá em baixo e vimos uma grande represa, água doce. “Quando Mr. Wright cá estava aquilo estava sempre cheio de água...” Metemos à esquerda e apareceu-nos então uma pequena capela, muito simples, com um campanário, construída em madeira. Paramos e o homem avançou. “Está aqui”. Disse prosaicamente. Ao lado da capela vi então um pequeno cemitério. Mais próximo da entrada a campa de Wright: pequenas pedras limitavam um rectângulo envolvido por um círculo, construído do mesmo modo; num dos vértices do rectângulo nasce da terra uma pedra, igual a tantas daquelas que ele usou nos seus edifícios, de forma irregular, mas cuja secção aumenta à medida que se levanta; não sei se há qualquer simbolismo naquela pedra, eu permiti-me encontrá-lo. Atrás, uma pequena pedra, protegida por uma árvore, tem gravada esta inscrição: MAMAH/BORTHWICK/CHENEY/1869 1914/1870. É o túmulo de MAMAH, a mulher assassinada e queimada em Taliesin que Wright enterrou naquele lugar.

Não longe outra pedra gravada: ANNA LLOYD WRIGHT / BELOVED MOTHER OF / FRANK, JANE AND MAGINEL / SHE LOVED THE TRUTH AND SOUGHT IT. Ali repousa a mãe de Wright, a cuja família pertencera Taliesin.

Afastada, uma coluna branca, tem inscrito o nome Jones, creio que o avô de Wright.

Aqui e ali mais túmulos de pessoas que, pelos nomes, se verifica pertencerem à mesma Família.

O sítio é extraordinariamente tranquilo e Taliesin vê-se ao longe.

Não escondo que as lágrimas me vieram aos olhos.

Mas o homem queria mostrar-me coisas...

“Vou agora mostrar-lhe outra quinta que Mr. Wright comprou...” . Lá fomos ver mais um conjunto de edifícios. Aí nem saímos do carro. Um dos edifícios tinha o toque do Mestre. Os outros eram tradicionais edifícios da região.

“Agora vou mostrar-lhe a escola onde eles trabalhavam...” voltamos para trás, passamos novamente pelo pequeno cemitério e metemos a um desvio; por todos os lados letreiros diziam “No hunting, no trespassing”. “No visitors, closed until May”, mas nós avançamos. O carro parou e eu como um louco avancei para o edifício, cuja localização aliás tinha pressentido da estrada; que dizer? Só posso dizer que fiquei maravilhado “Ali é o estúdio, ali atrás têm um teatro, vá e veja...”. Fui e espreitei pelos vidros; lá estava a conhecida sala de trabalho, tendo na entrada uma grande fotografia de Wright e um poema de Walt Whitman.

Espreitei o teatro; um biombo japonês, o balcão de Wright, o palco... tudo parado... nem vivalma... mas os espaços falavam com um impacto extraordinário. Contornei o teatro e encontrei um terraço debruçado sobre a pequena colina. Na escada que dá acesso à entrada do estúdio uma pequena escultura de Wright bate exactamente com o edifício. Não cuidei de ver pormenores mas pressenti em tudo uma riqueza de formas, dum à vontade que nunca encontrara na arquitectura contemporânea.

Senti-me na Idade-Média, na Grécia ou no México, na presença de uma Catedral, de um Panteon ou de um templo azteca, tal é a integridade daquela arquitectura. Vi o mais que pude. Mas o homem já estava dentro do carro com o motor a trabalhar... Voltamos à estrada. “Quer ver outra casa, dum arquitecto que trabalhava com Mr. Wright e comprou aqui uma quinta?” Com certeza. Lá fomos. Um rico jogo de edifícios na paisagem, a nota de Wright por toda a parte.

“Aqui vamos ver aquela quinta perto da casa”. Novamente no carro subimos a pequena encosta até à quinta. Num ou noutro pormenor, Wright lá estava. Quando descemos da quinta o homem apontou para outra encosta e disse: “Ali é a casa da irmã, também foi projectada por ele... mas está muito abandonada...”. Não insisti para irmos lá, tão amável era o homem. Mas vi nesse momento, mais uma vez e melhor do que nunca, o velho moinho, o Romeu e Julieta que Wright desenhara nos princípios da sua carreira...

Descemos. Sempre a paisagem magnífica, grande mas não desproporcionada, uma corde amarelo queimado em tudo...

“E agora a casa...”. Passamos pela entrada principal mas ele achou melhor irmos pela entrada de serviço. Começamos a subir e por entre a vegetação comecei a descortinar planos vários de paredes e de coberturas lá em cima. Os avisos sucediam-se: “no visitors... no trespassing... no hunting... closed until May...”

Entramos num pátio de serviço, onde estavam vários automóveis. Saí, vi e fiz umas fotografias, mas não tive coragem de avançar.

Senti que já tinha compreendido Taliesin e estava emocionalmente extenuado.

Sentei-me no carro e disse ao homem: “é melhor não abusar”. Cá em baixo a água corria, no topo de um muro por grandes tubos de grés colocados em fiada...

Eu estava realmente extenuado.

Vimos mais uma “farm” de Mr. Wright, despedi-me de tudo aquilo e voltamos para a aldeia. O homem tinha tomado conta de mim à meia-hora e deixou-me exactamente duas horas depois.

Quando me deixou eu estava longe de mim e longe de tudo.

Resolvi sair da aldeia e avançar pelo campo. Tomei uma estrada poeirenta onde passava de vez em quando um carro.

Então chorei como uma criança... Taliesin não me saia (nem me sairá) dos olhos; até a cor do pó da estrada me lembrava

Taliesin. Avancei pela estrada não sei até onde. Não podia pensar concretamente. Qualquer coisa se apoderara de mim. Sentei-me algures. Descansei.

Lágrimas várias: Notre Dame, Chartres, Cordova, Capela de Miguel Ângelo, – “olhos que nunca se molham mas vêem quando olham...” (Afº. Lopes Vieira).

Tinha razão o poeta: “olhos que nunca se molham não vêem quando olham”. Naquelas duas horas eu tinha sofrido, estou certo, um dos maiores choques, talvez o maior da minha vida de arquitecto.

Taliesin, disse já, é mais do que um edifício, uma paisagem; mas acrescento agora, Taliesin é também uma vida e uma filosofia.

Eu compreendi Wright e o seu chapéu, compreendi as suas formas e o seu amor à terra, o seu pensamento e o sentido das suas coisas... . E ao sentir toda aquela vida de criação, tomei também contacto com outra realidade: a da morte do Homem no lugar do seu sonho.

Porque exactamente Taliesin impressionou-me pelo que possui de total, de cósmico, pelo que existe ali para além da pedra, da madeira, deste ou daquele requinte da forma.

Tudo se esquece ali de accidental da vida de Wright: os seus caprichos formalistas, a sua vaidade, o custo das suas obras, os seus automóveis, as suas pequenas coisas do dia a dia; tudo esquece a quem vir Taliesin como eu tive a oportunidade de ver e Taliesin aparece então com a força de uma rocha, a beleza de uma flor ou a calma de um lago.

Taliesin, além de me fazer chorar durante as primeiras reacções, obrigou-me a pensar muito.

Um dia ouvi o Sr. Giedion dizer com um sorriso, a propósito da “famigerada” integração das artes, que “Mr. Wright afirma não existir para ele tal problema porque ele é pintor, escultor e arquitecto”.

Estou convencido que a integração das artes pela qual a entendem os funcionalistas é coisa estúpida (O Harvard Graduate Center é mais uma prova evidente) e estou convencidíssimo de que Wright resolveu o problema como foi resolvido aliás nos velhos tempos, onde começa a arquitectura e acaba a escultura ou a pintura nos edifícios de Wright? E onde acaba a arquitectura e começa o paisagismo ou o urbanismo? Ninguém sabe.

Este homem consegue nos seus edifícios integrar as artes como o fizeram os góticos, por exemplo, e veio provar-me de que é possível (embora com génio) resolver o tal dilema a que já me referi neste diário: dum lado, o funcionalismo mais ou menos prosaico nas arquitecturas, e do outro os museus cheios de pinturas e de esculturas mais ou menos modernas.

E Taliesin é também uma lição no que respeita à prisão dum edifício aos valores naturais e humanos. Ali uma família e um Homem presos a uma terra, um conjunto de edifícios nascendo duma paisagem, a tudo presidindo um pensamento e uma forma. Ali uma força enorme liga coisas e seres. E pensar eu que vi um templo indiano e uma casa de chá japonesa no Museu de Philadelphia e claustros românticos em Nova York!

O poder de integração em Taliesin é tão forte que chega a ofender-se Deus pensando que Wright também foi o criador daquela paisagem!

Vi muita coisa na América até hoje: desde as melhores Racket Girls do mundo, até à altura do Empire State, vi estatísticas e números e cadeias de montagem, vi edifícios e arquitecturas, vi museus e planos e planos, vi highways e prosperidade por todo o lado: mas a poesia, a humanidade e a grandeza, só as encontrei em Wright. Tudo o que vi compreendi pela inteligência; aqui o pouco que vi permitiu-me sentir tudo sem nada me ter sido explicado.

Os edifícios de Taliesin não são crianças em idade; alguns terão os trinta ou quarenta anos, o que aliás o seu estado de conservação deixa adivinhar, no entanto, mesmo que estivessem em ruínas, conteriam ainda um grande poder de expressão, como vi monumentos do passado; o que seria uma ruína da Vila Savoie ou uma ruína do Seagram Building? O tempo em Taliesin joga a forma da arquitectura e da paisagem, o que creio não acontece em 90% da arquitectura moderna.

Vi há tempos a casa de Gropius em Lincoln: quando vi Taliesin, a casa de Gropius pareceu-me um frigorífico pousado numa colina!

Não há dúvida que o Zevi tem razão: o Sr. Giedion enganou-se, ao pôr Wright no princípio e Le Corbusier no fim do seu livro; foi um pequeno engano... de pôr tudo ao contrário. E o mundo sente, todos nós sentimos (e eu chorei por isso mesmo) que me falta qualquer coisa, que a máquina está perturbada, que o caminho não é exactamente este e que os anos passam...

Estamos a fazer uma arquitectura de “esqueletos decorados”; e Wright conseguiu criar organismos. Quem se atreve a discutir a forma de um dedo, a cor de uma flor ou o bico de um pelicano? São assim... porque são assim.

É isso que nós precisamos de fazer em lugar de andar a vestir esqueletos com pinturas e esculturas ou a apresentar os esqueletos em pêlo como se um animal fosse apenas o seu esqueleto ou a qualidade dum vinho pudesse apreciar-se pela fórmula química que o representa...

Está tudo doido.

Enfim isto é um pouco, muito pouco, do muito que meditei sobre Taliesin.

Lá repousei pelos campos desse Wisconsin que ele tanto amara e pelas cinco horas voltei a Spring Green. Comi alguma coisa (o mesmo hambúrguer, idêntico copo de cerveja) e vim para a estrada esperar o bus.

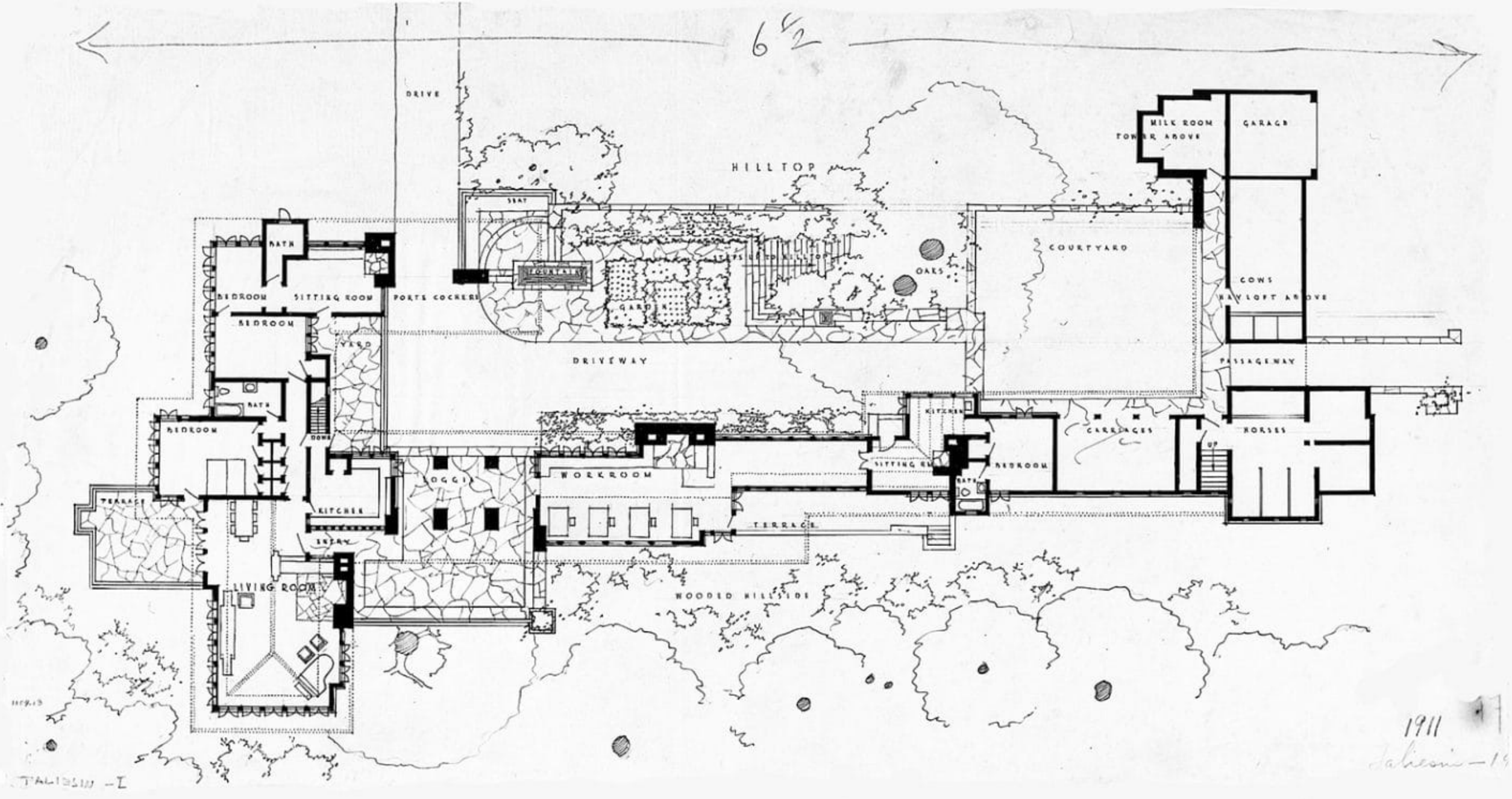
Estava já mais calmo mas longe ainda de estar calmo. E tão aéreo ainda que o bus passou e só quando passou é que lhe fiz sinal para parar. O homem ficou zangado e parou muito longe porque vinha largadíssimo.

Enfim cheguei a Madison perto das 8 da noite.

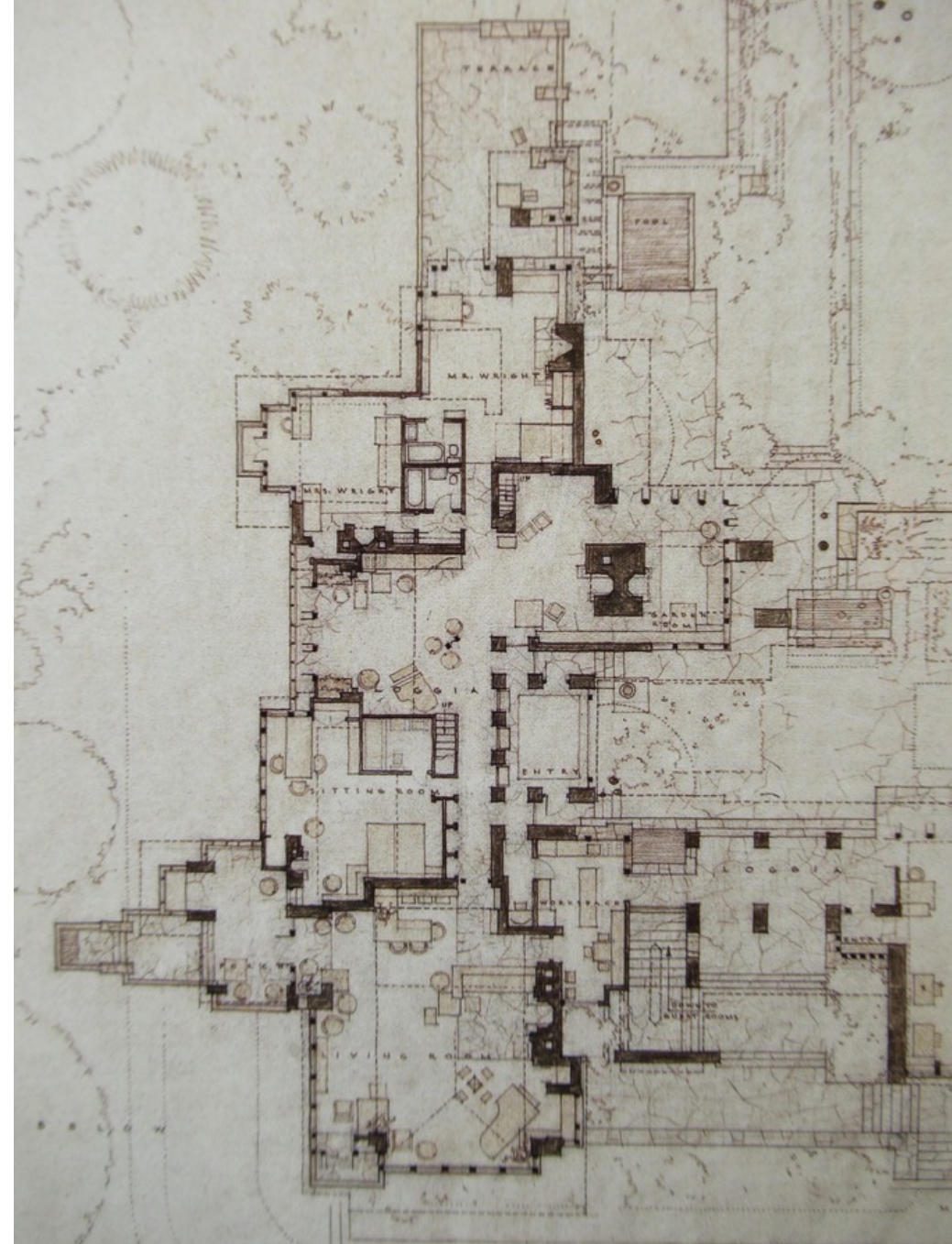
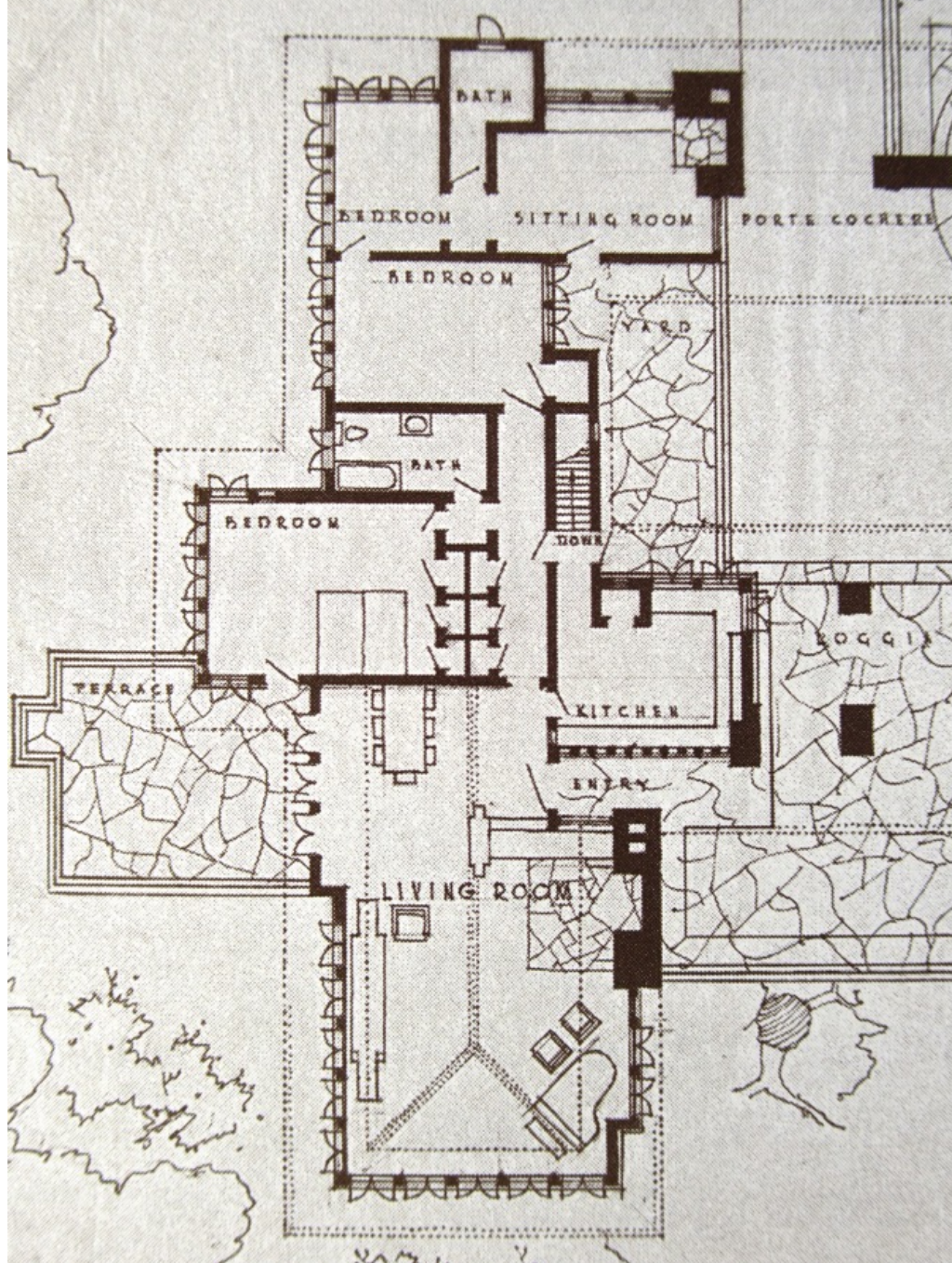
O dia tinha sido extraordinariamente forte. Quando me deitei ainda as pernas me tremiam e ainda os olhos estavam molhados.

(Soube hoje, 11 de Abril, que no dia 9 em que visitei Taliesin fazia exactamente um ano que Wright morrera; talvez por isso mesmo a sua presença era tão forte neste dia...).»

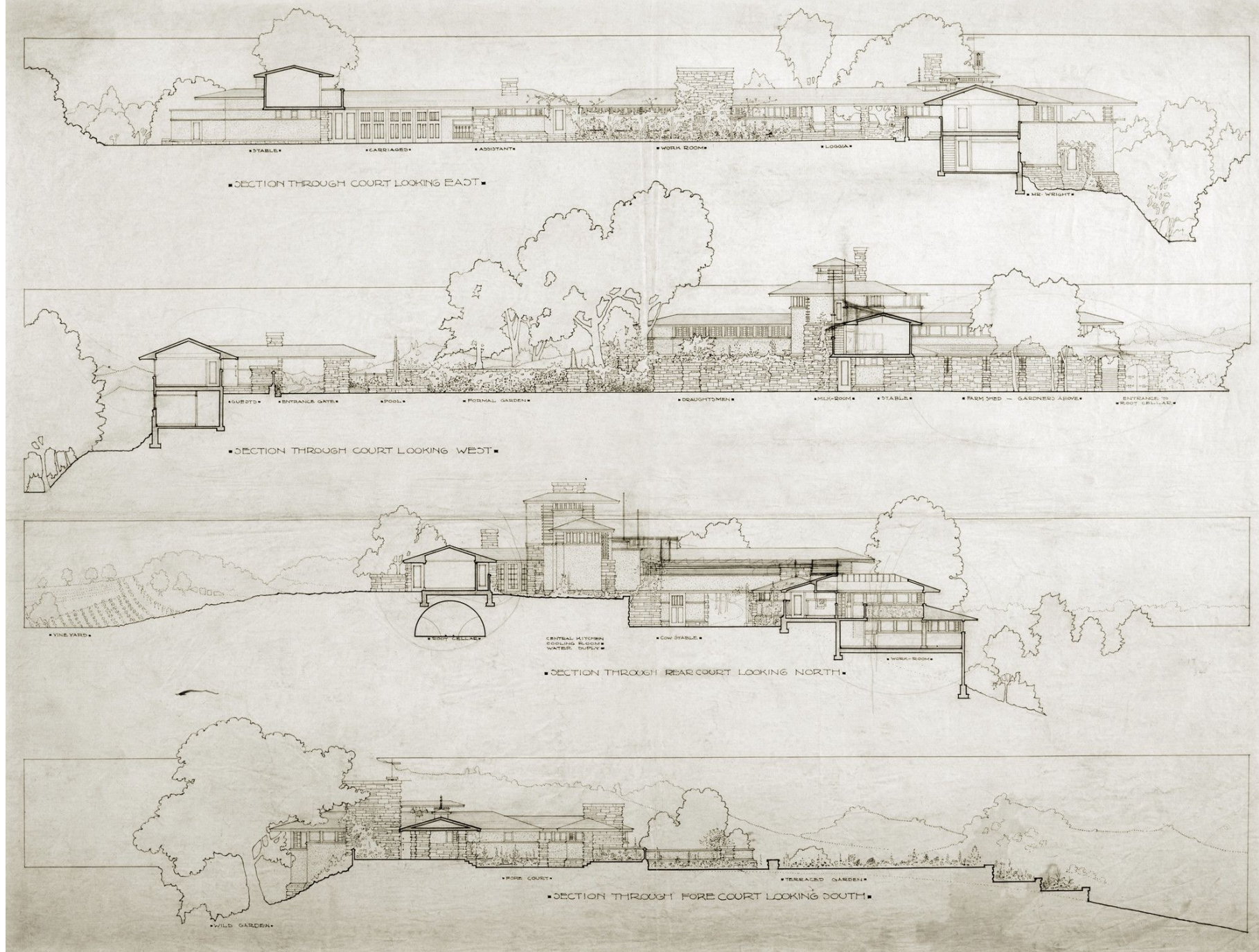
Texto de Fernando Távora, do seu Diário de Viagem aos Estados Unidos em 1960, aos 37 anos.



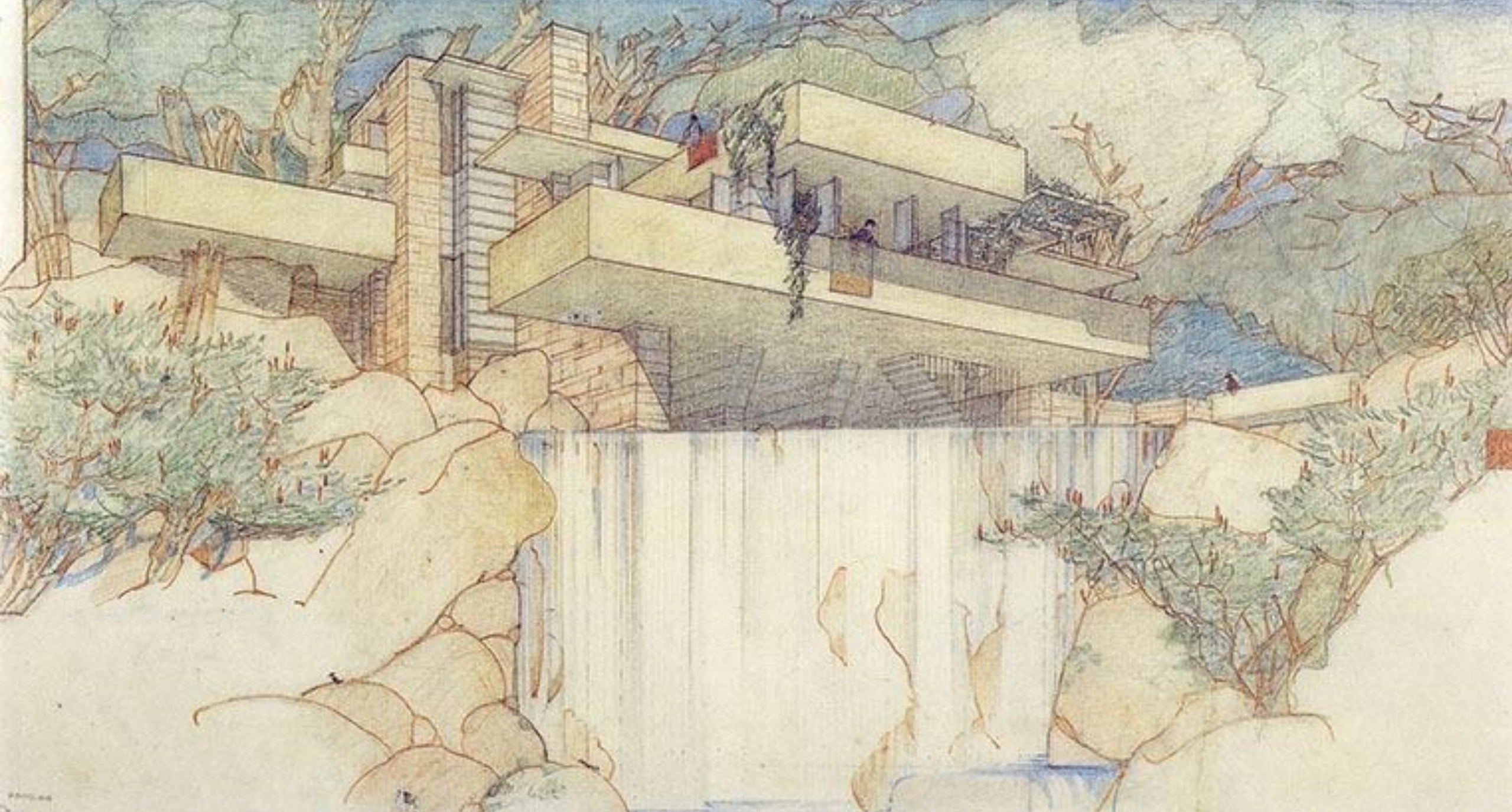
Taliesin; Spring Green, Wisconsin, 1911



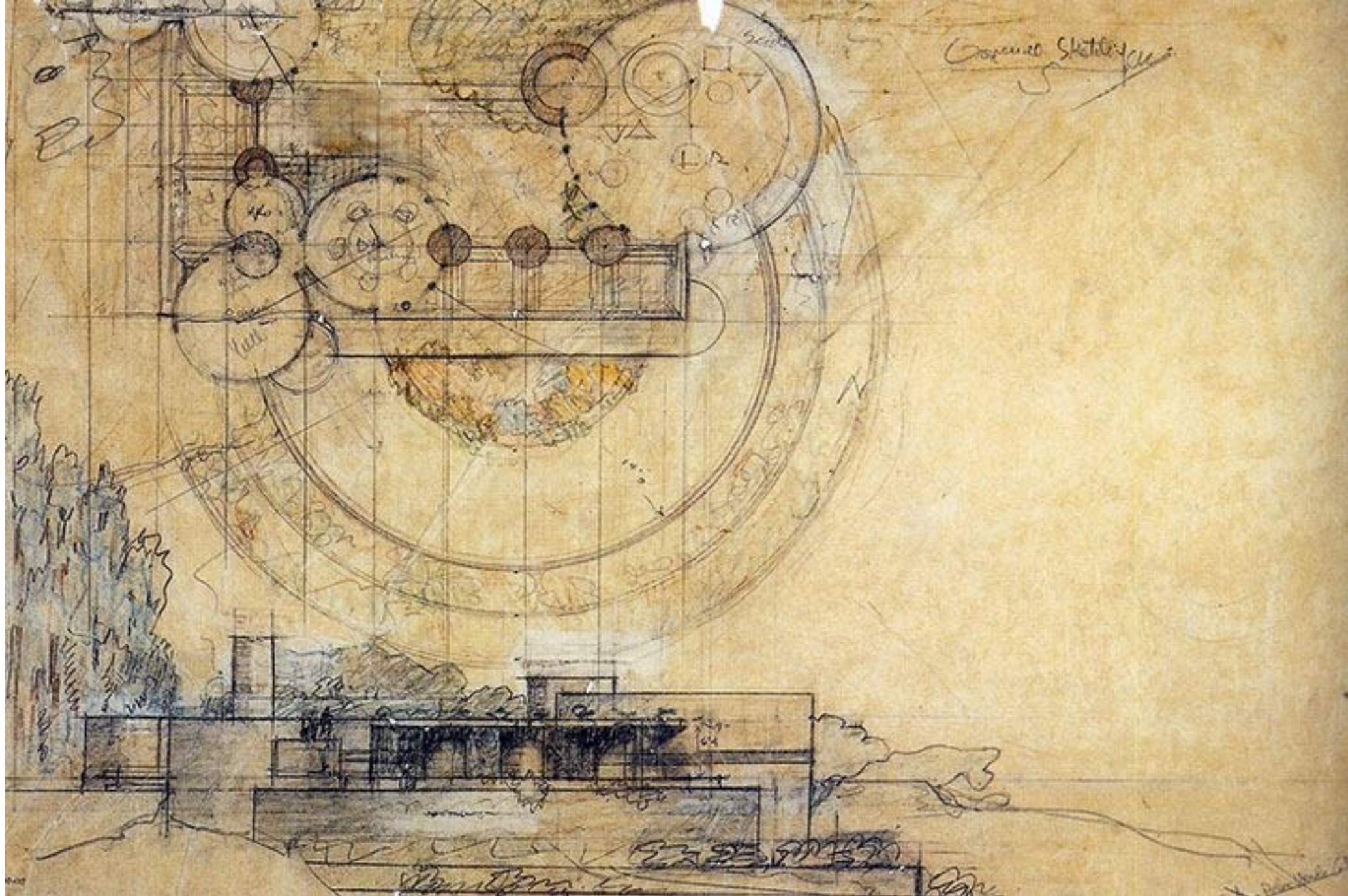
Taliesin; Spring Green, Wisconsin, 1911



Taliesin; Spring Green, Wisconsin, 1911



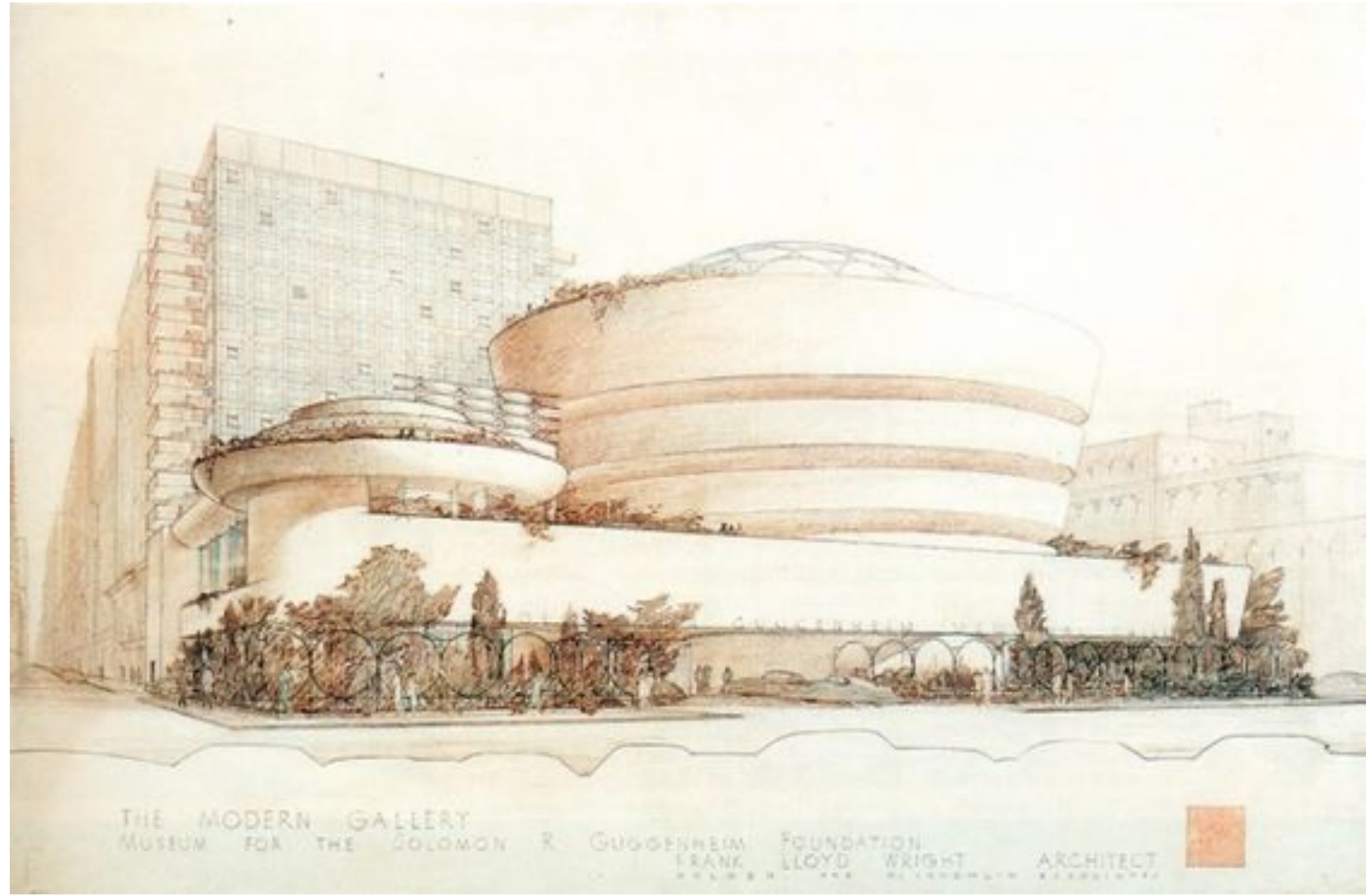
Falling Water house, 1935, USA



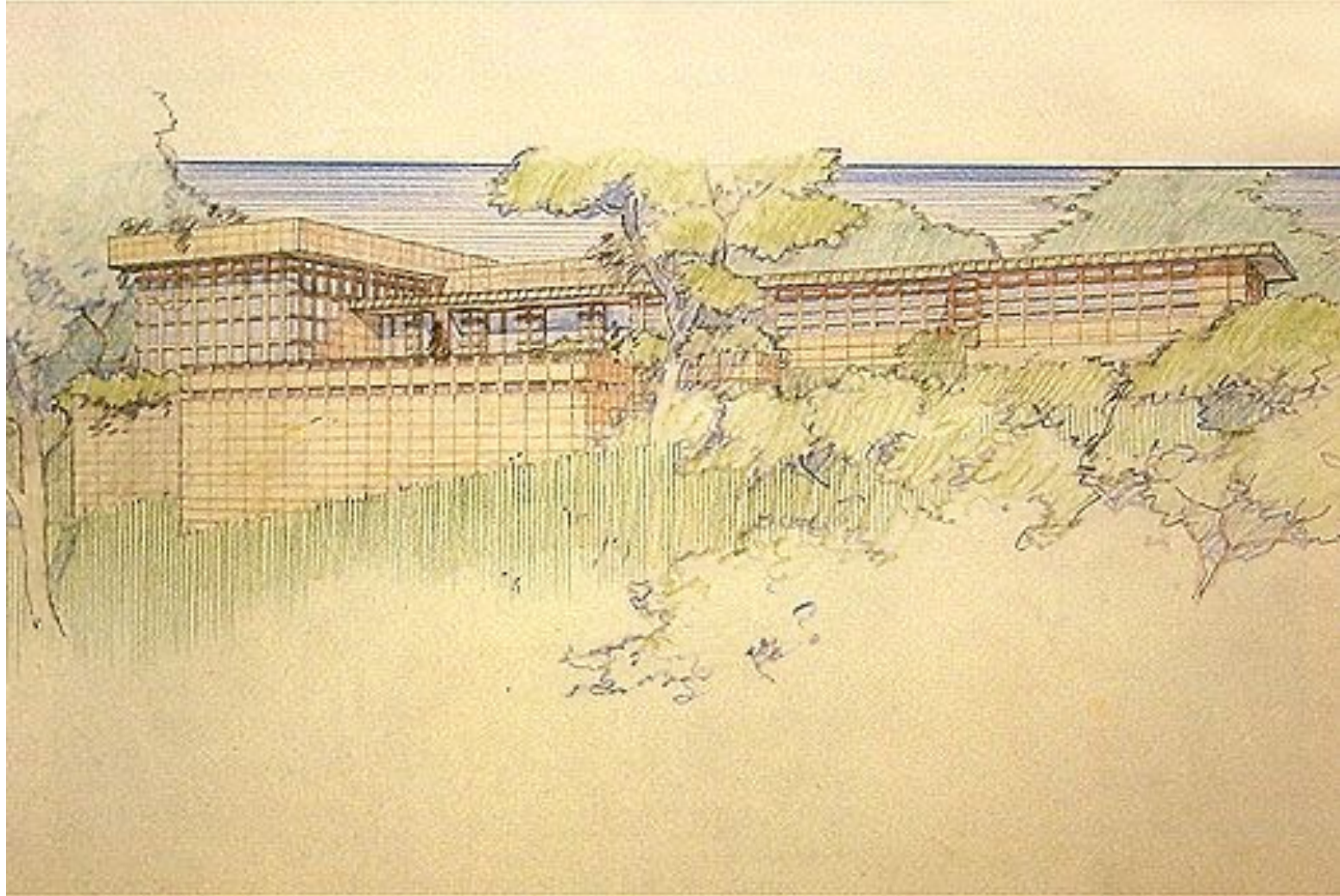
Ralph Jester house, 1938, USA



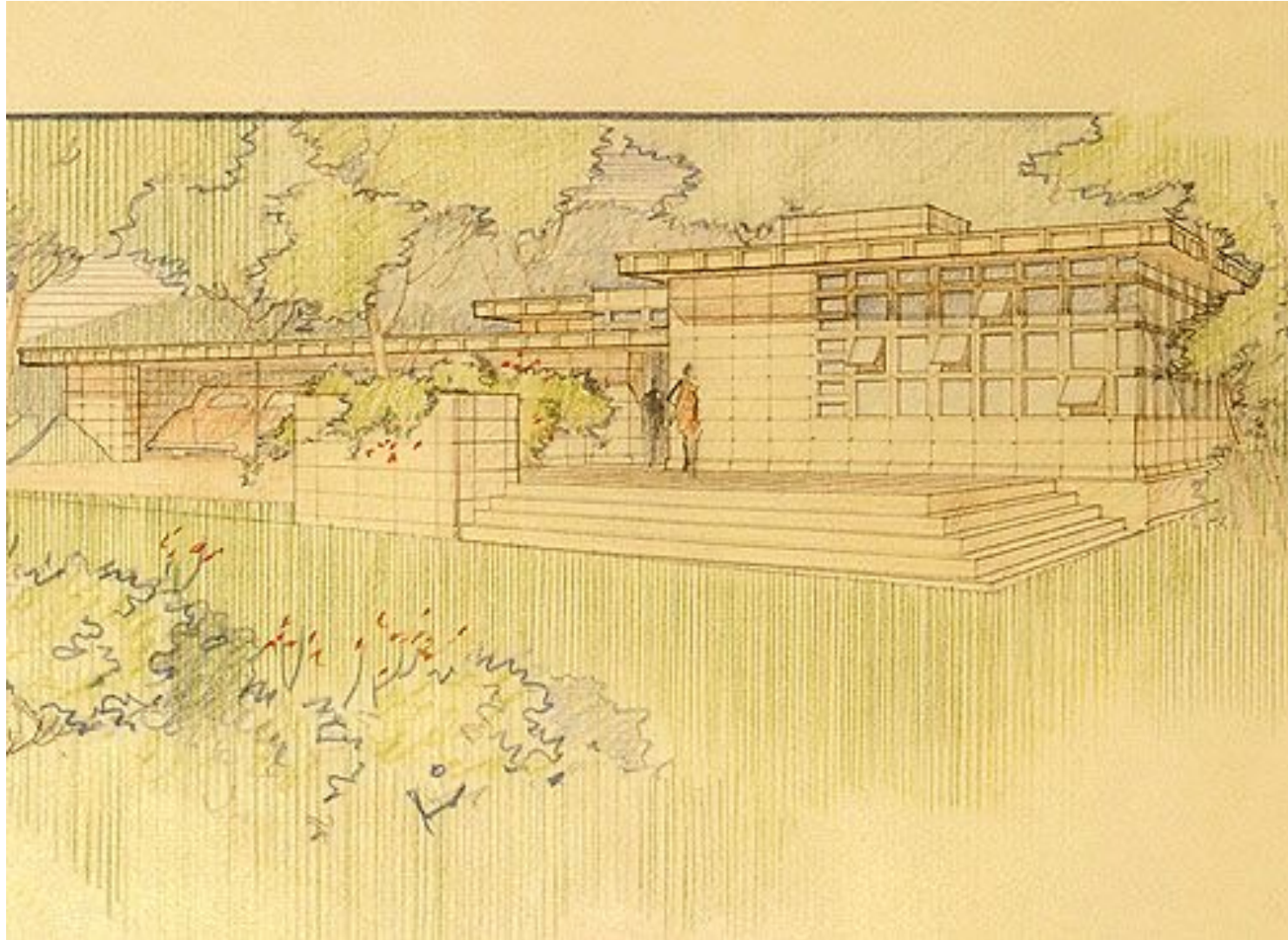
Morris Residence (a.k.a. "Seacliff") (unbuilt)



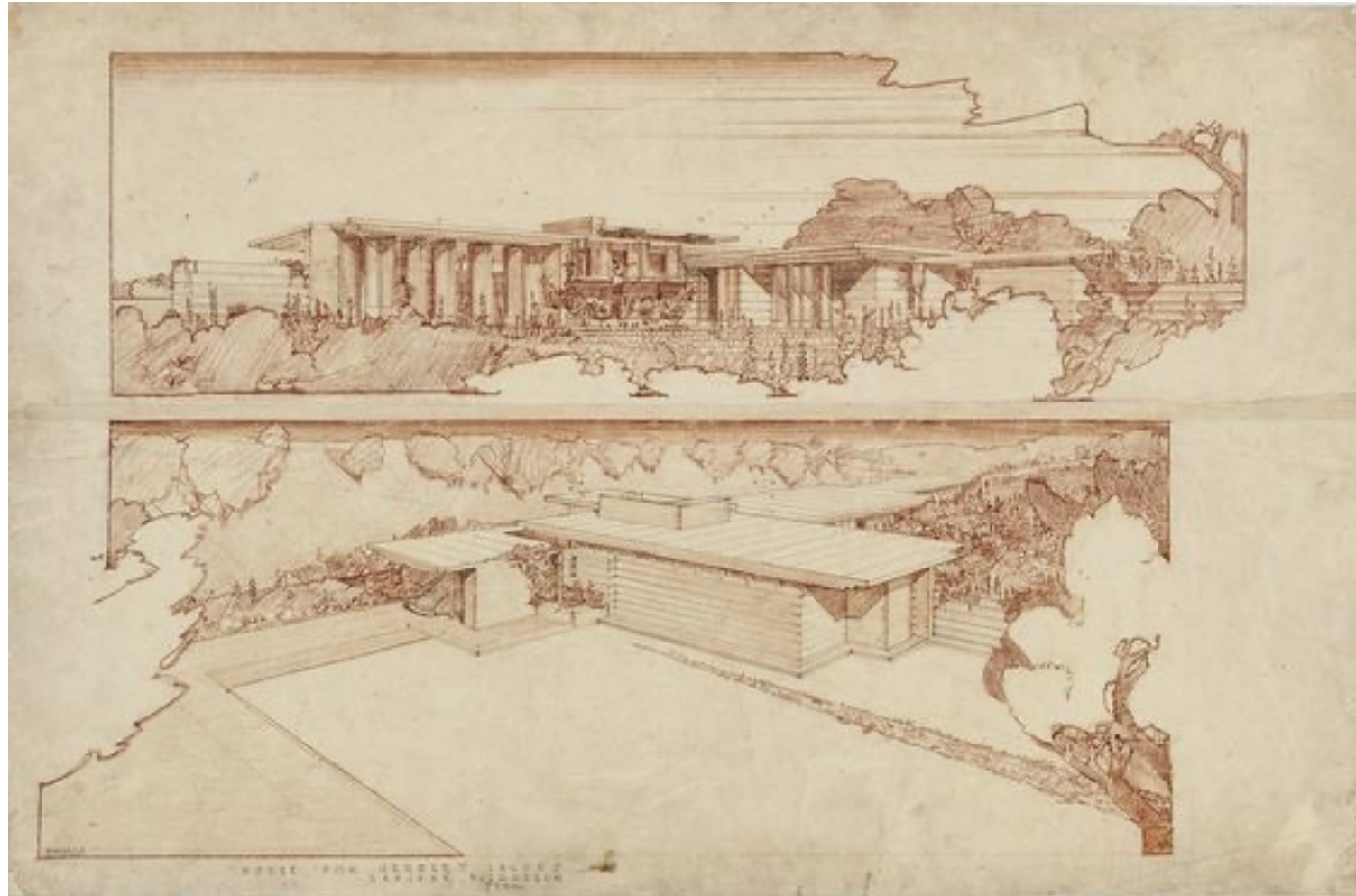
Guggenheim Museum; New York City, New York, 1956



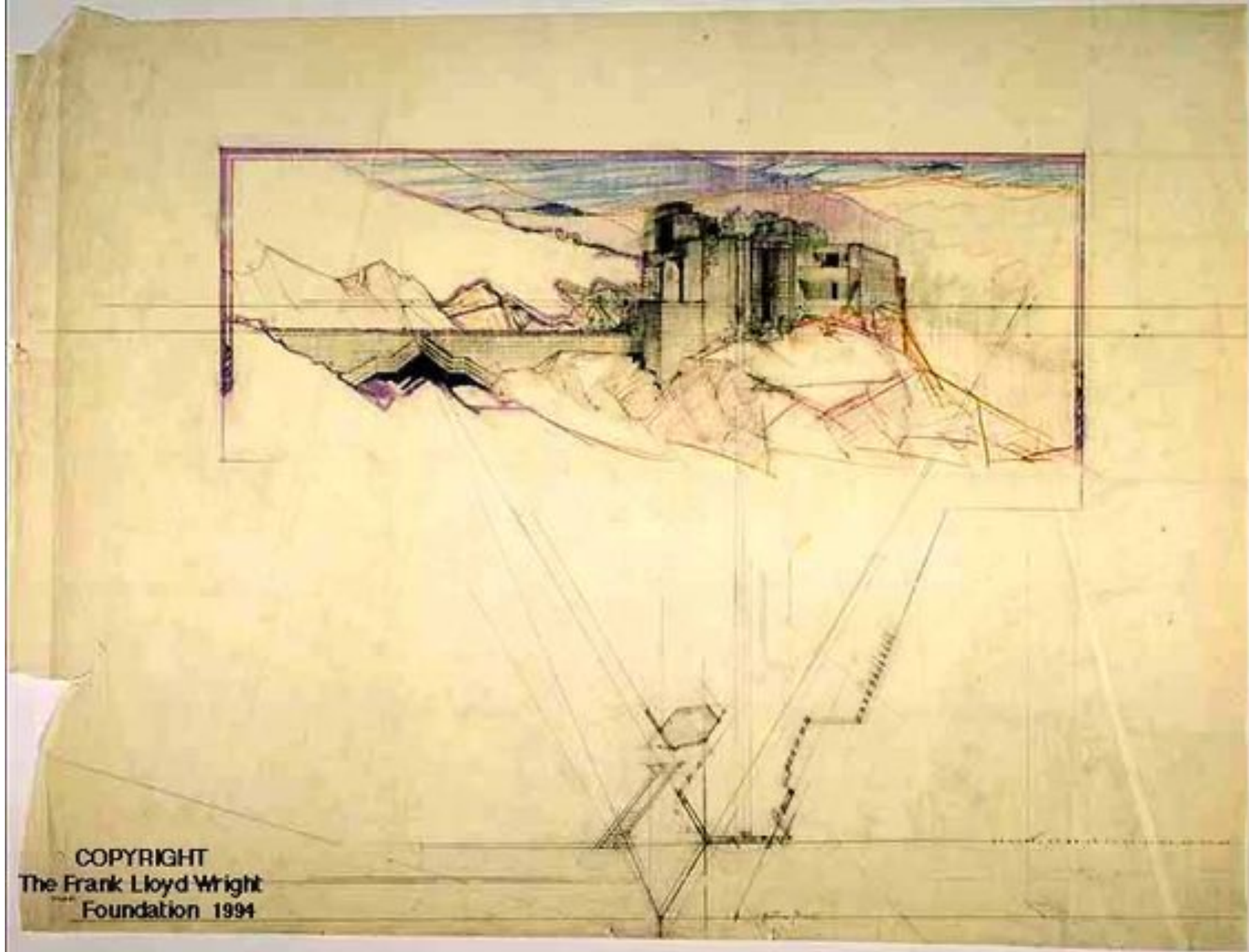
The Gerald Sussman Residence, 1955



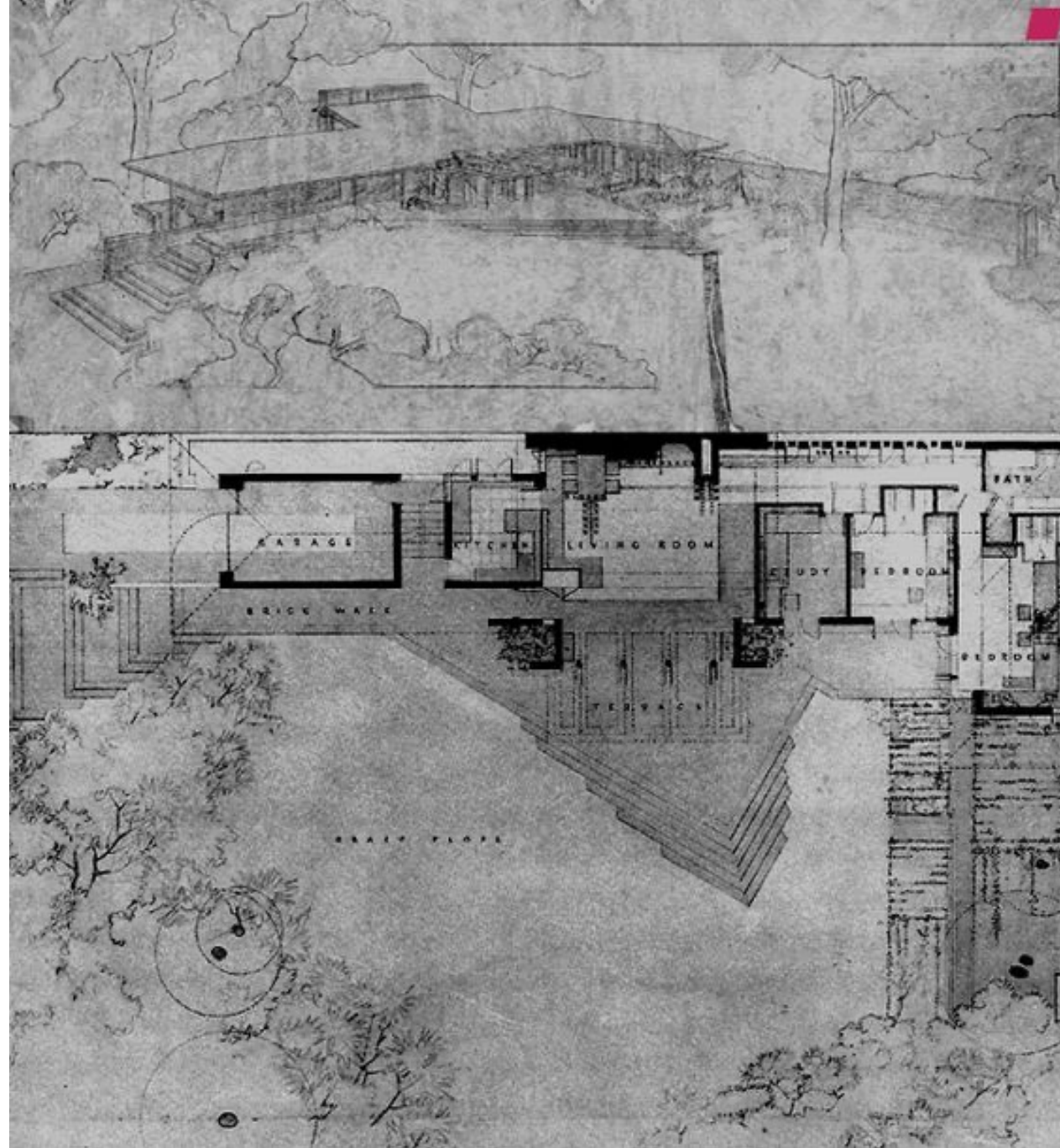
The Blumberg Residence, 1955.



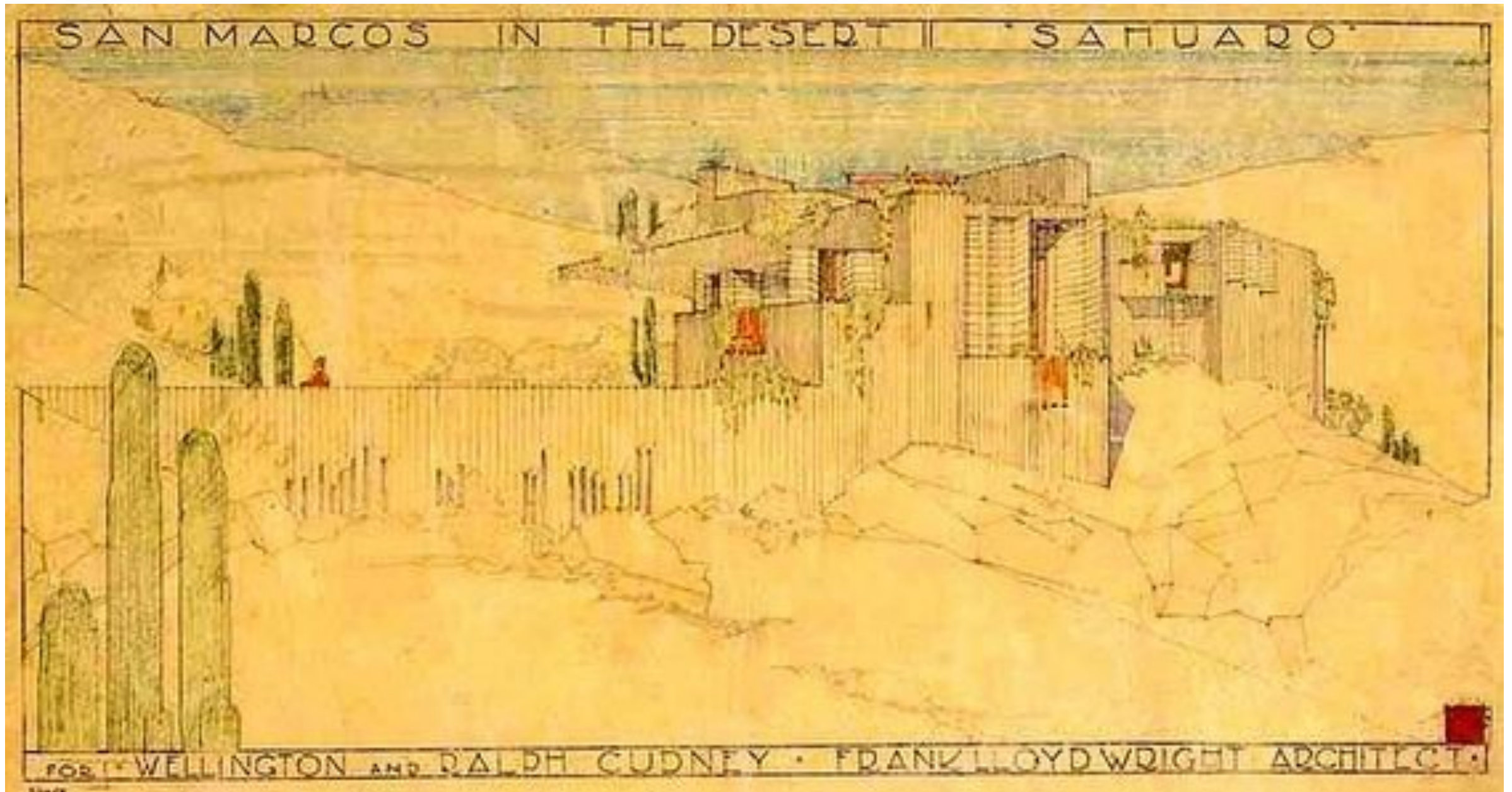
Jacobs House, Madison, Wisconsin. 1936–37. Exterior perspectives. Colored pencil on paper.



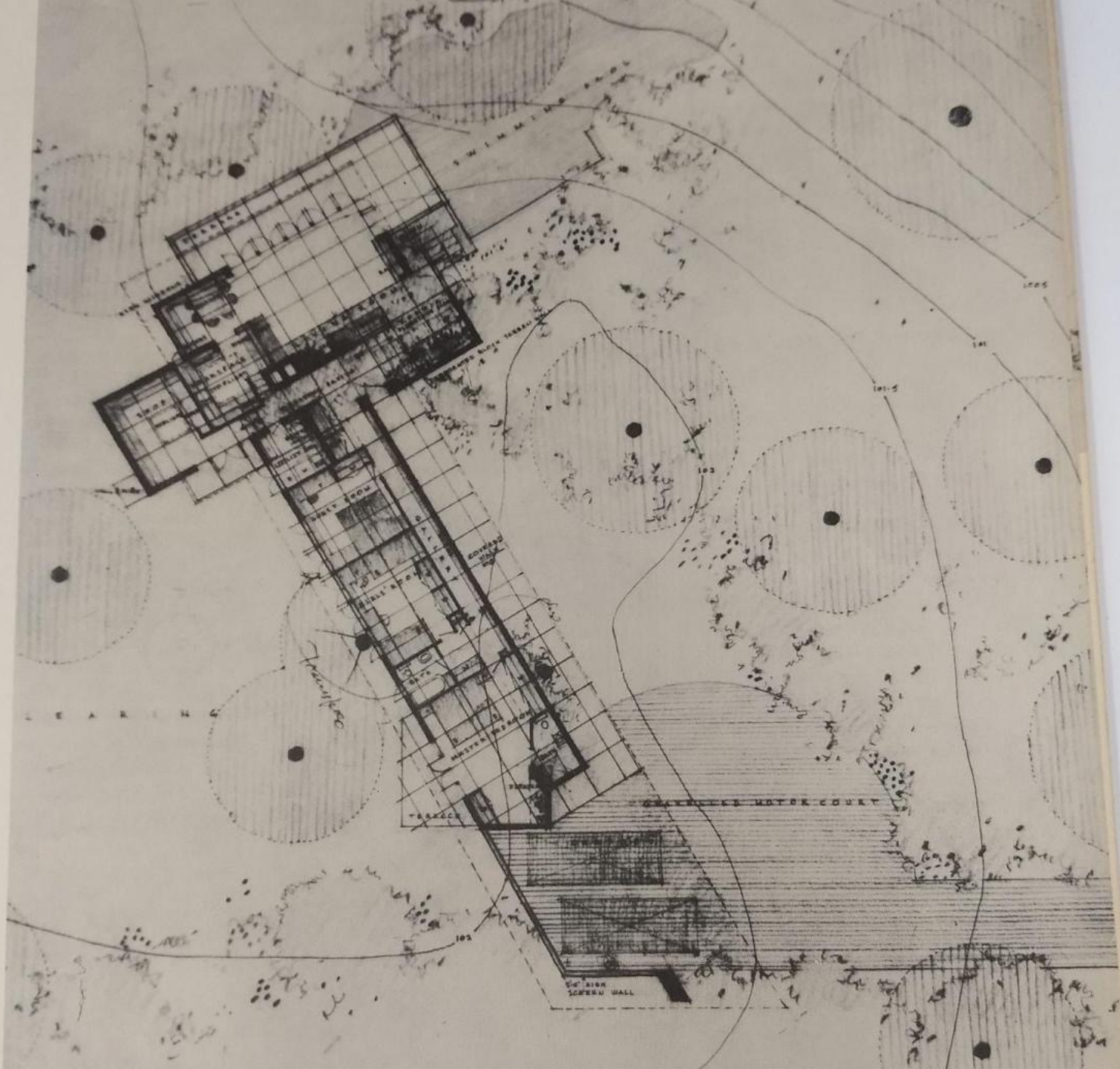
Wellington and Ralph Cudney house

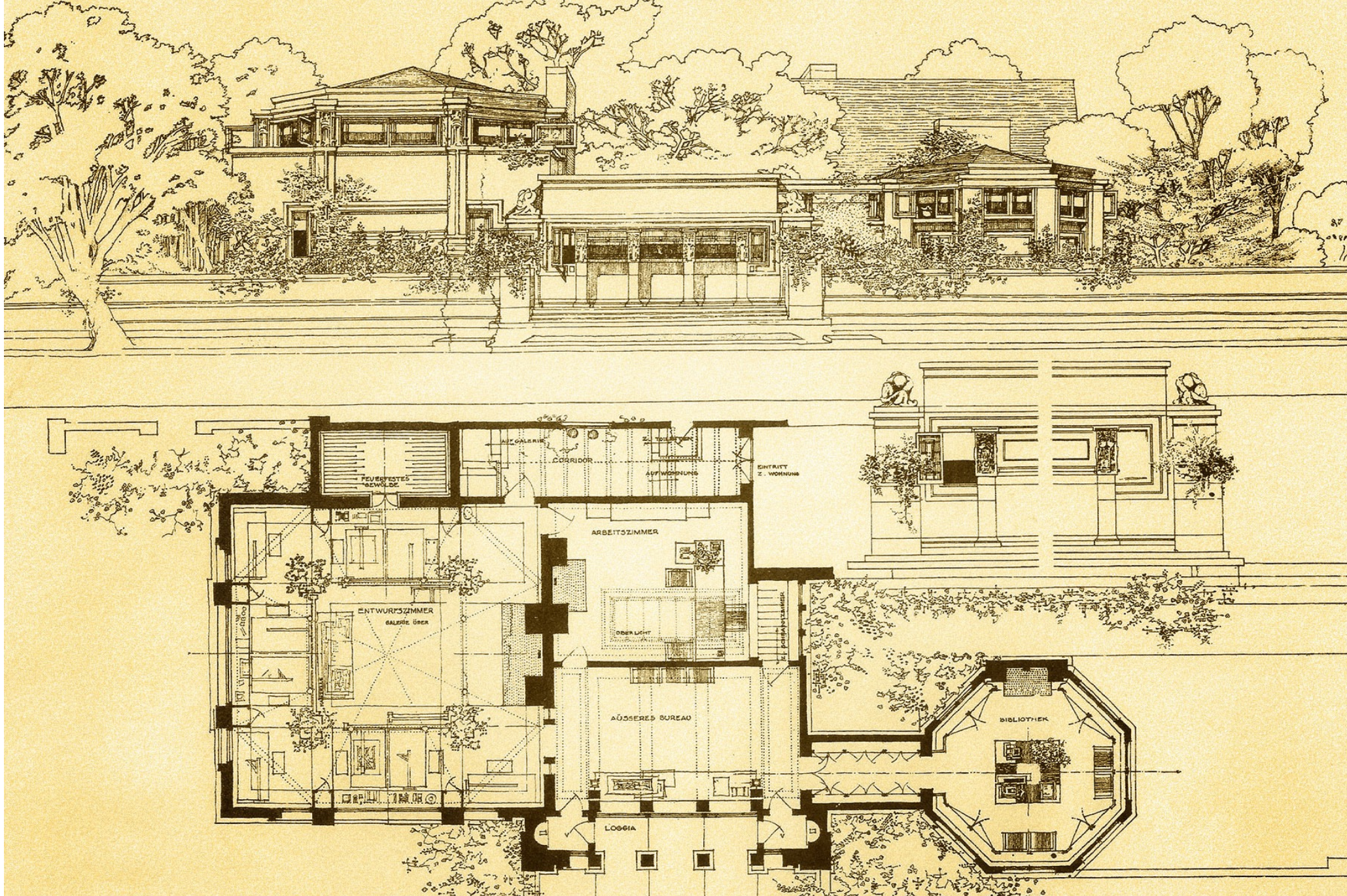


Willey House, 1934

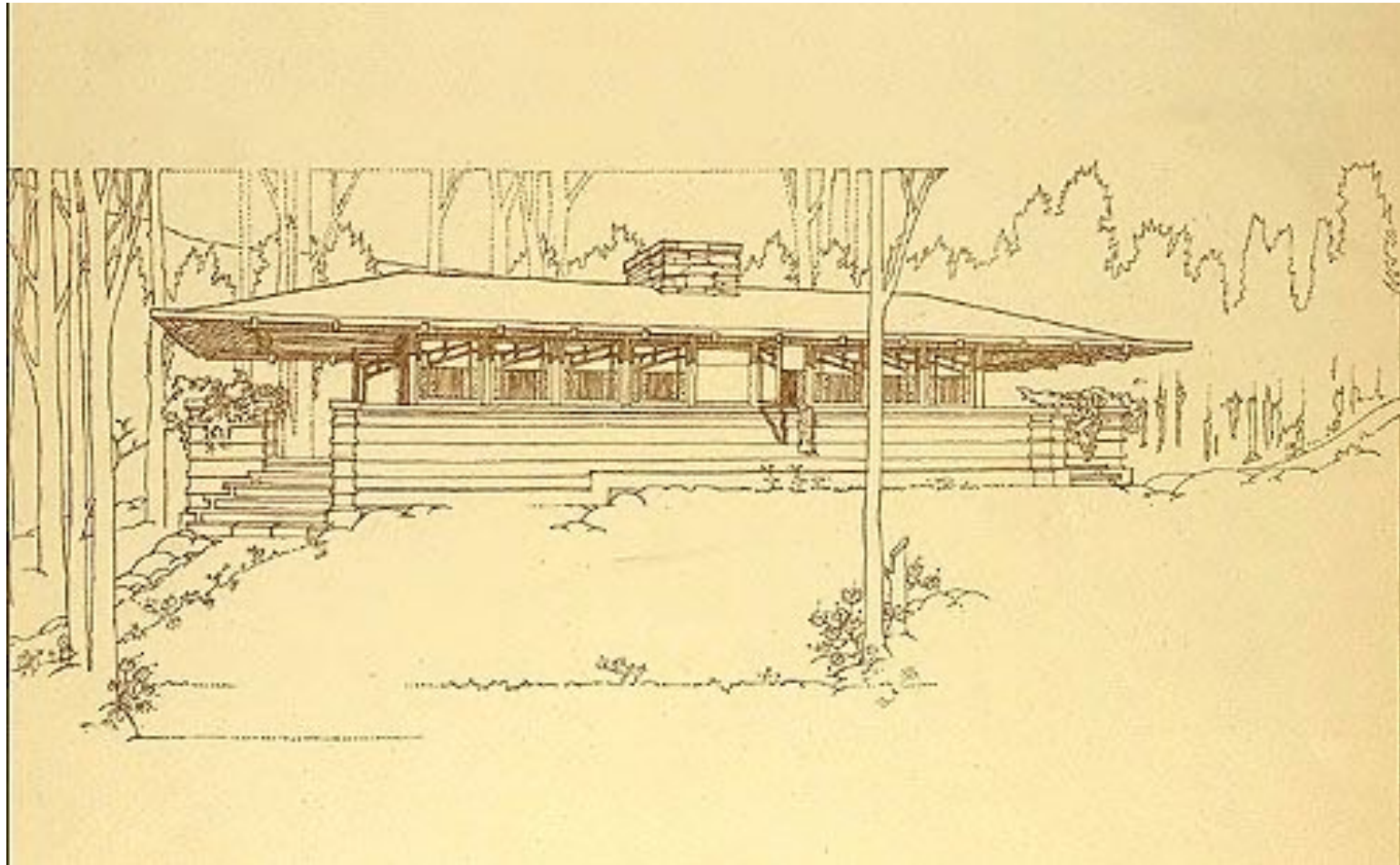


San Marcos In The Desert, Near Chandler, Arizona, 1928-1929

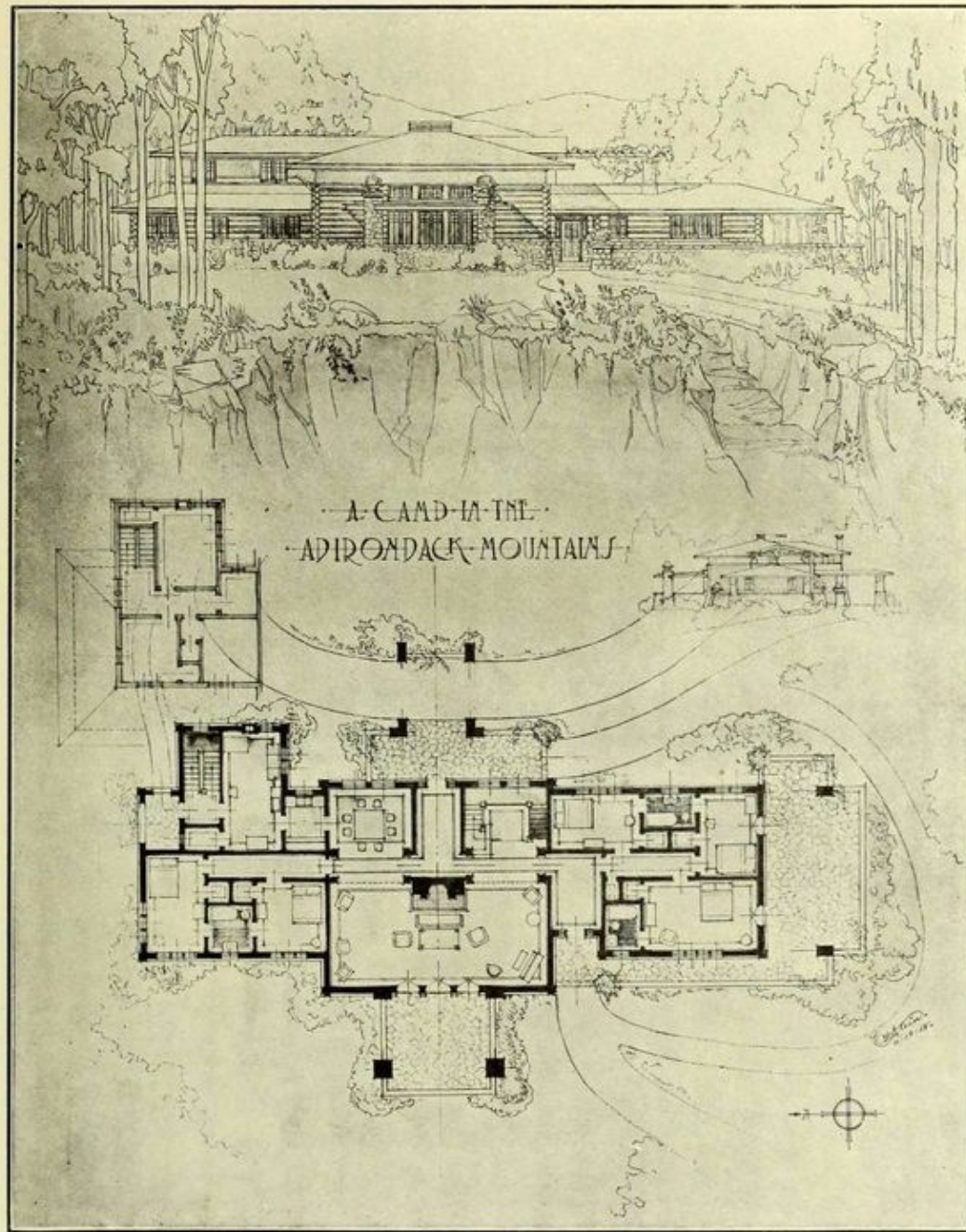




Atelier of Frank Lloyd Wright, Oak Park, Illinois



Typical cottages, Como Orchard Summer Colony



Grade V
Medal

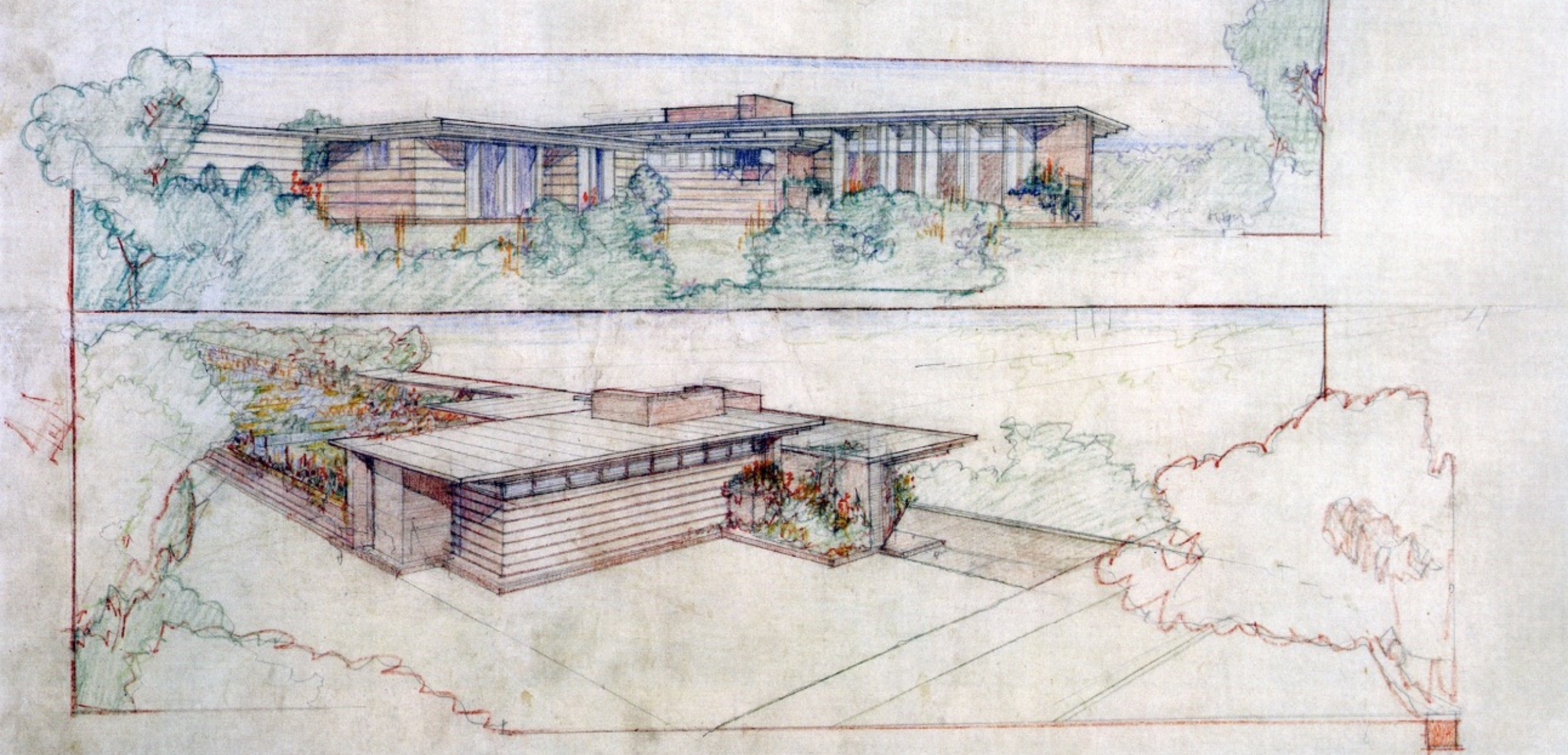
A SUMMER CAMP

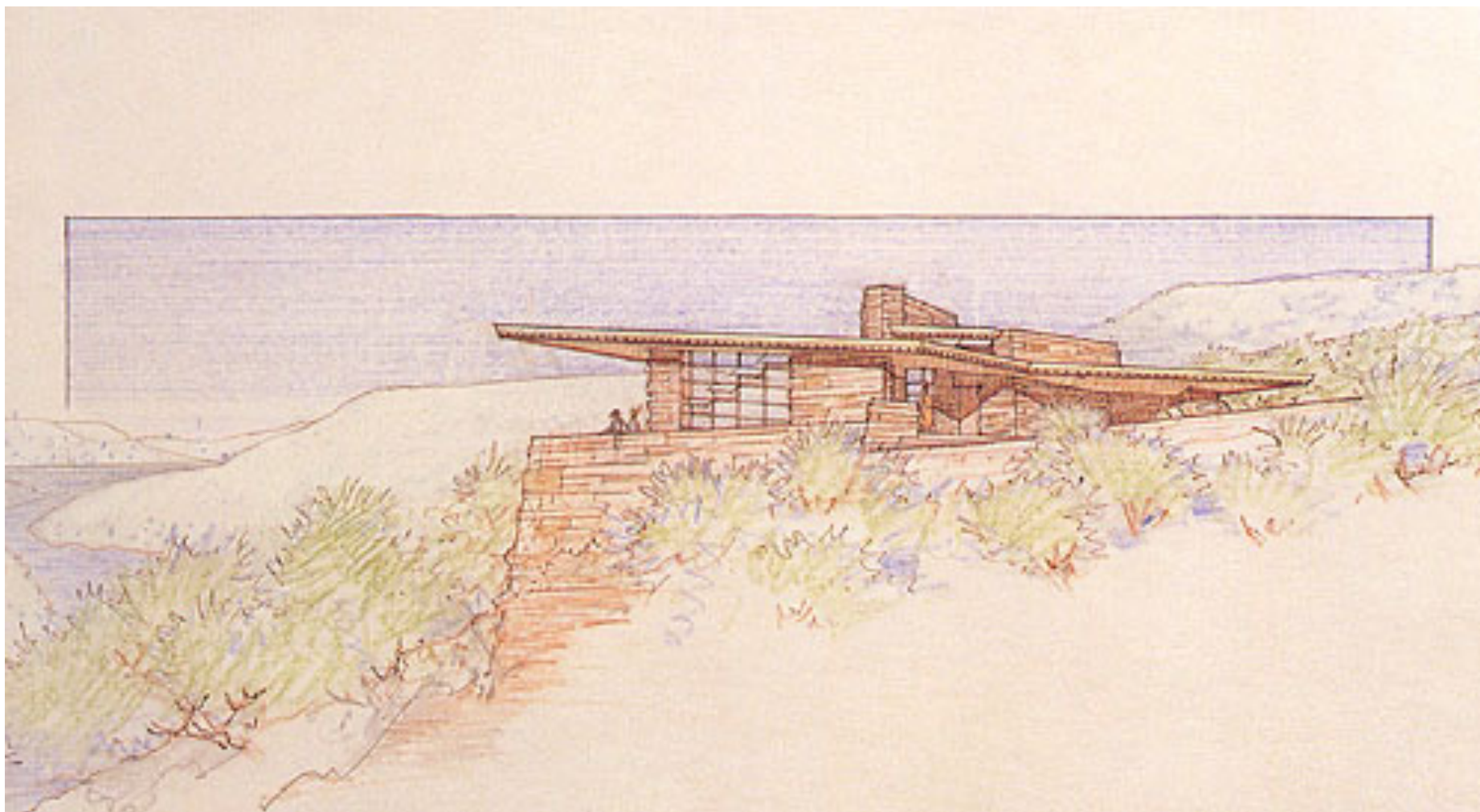
C. A. Klein



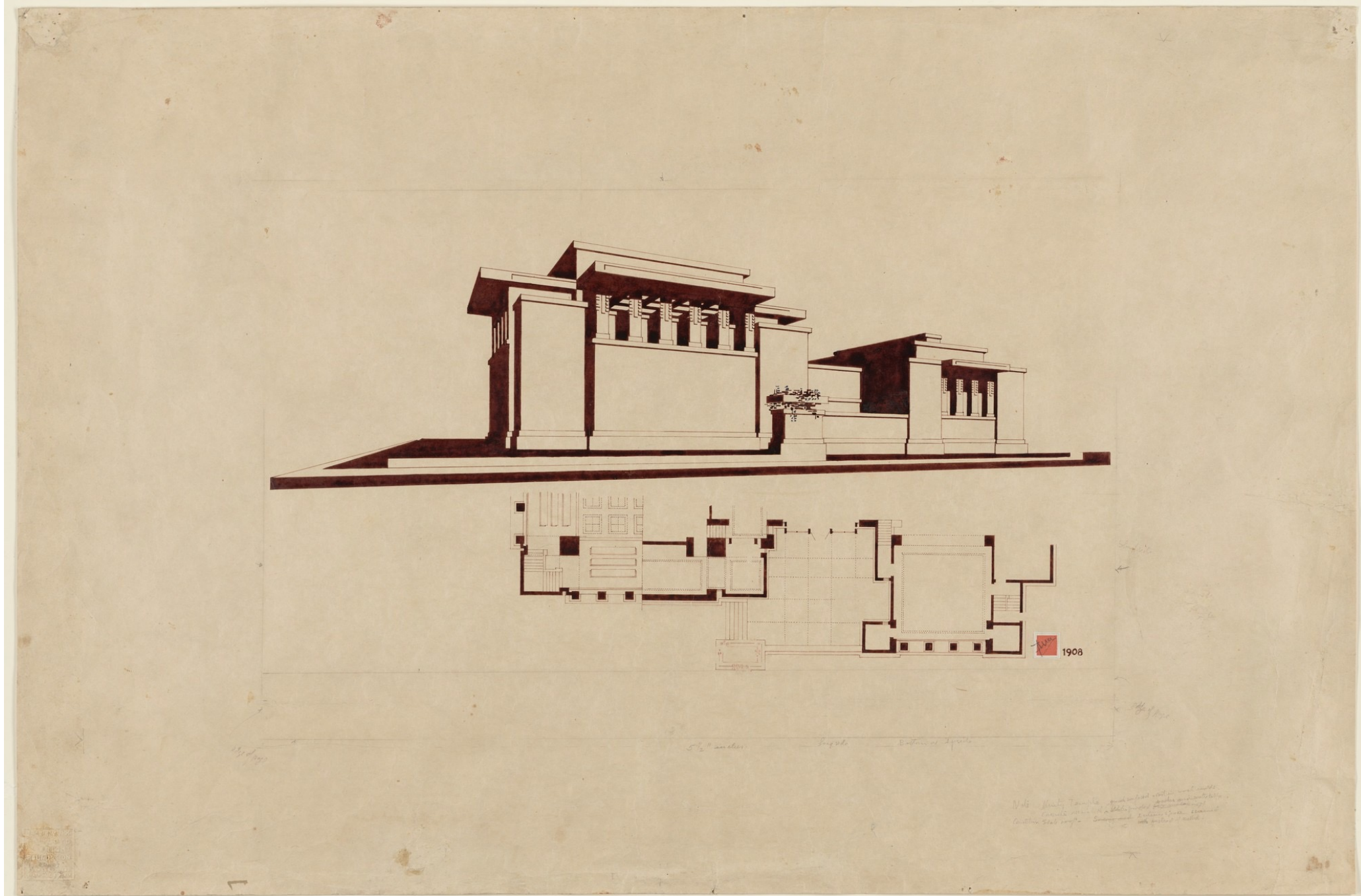
ROSE PAUSON HOUSE. PHOENIX, ARIZONA 1938
FRANK LLOYD WRIGHT, ARCHITECT

Rose Pauson House in [Phoenix, Arizona](#),

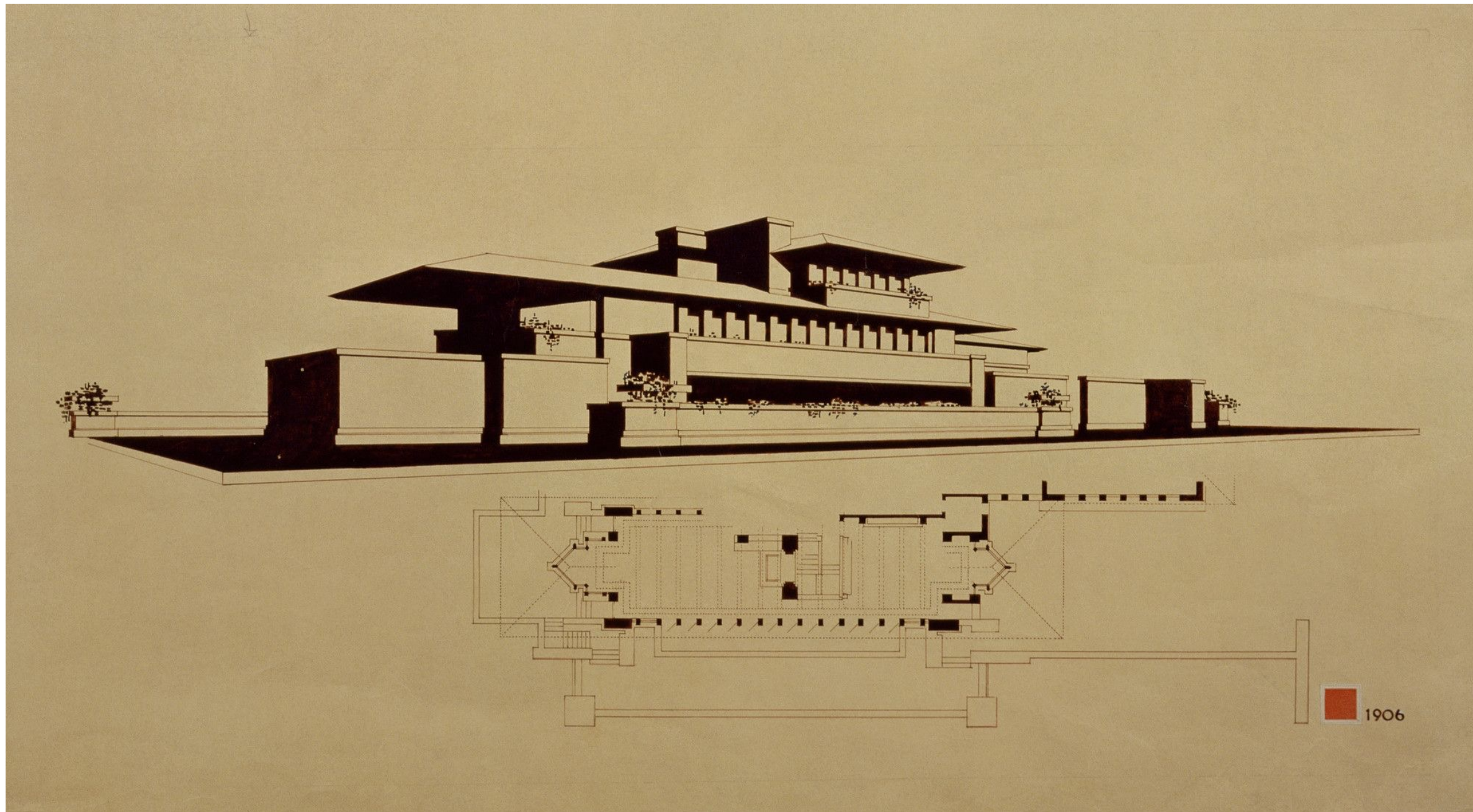




Stromquist Home, Bountiful, Utah, 1958



Unity Temple, Oak Park, IL (Exterior perspective and partial plan)c. 1929-30



Frederick Robie House, Chicago,



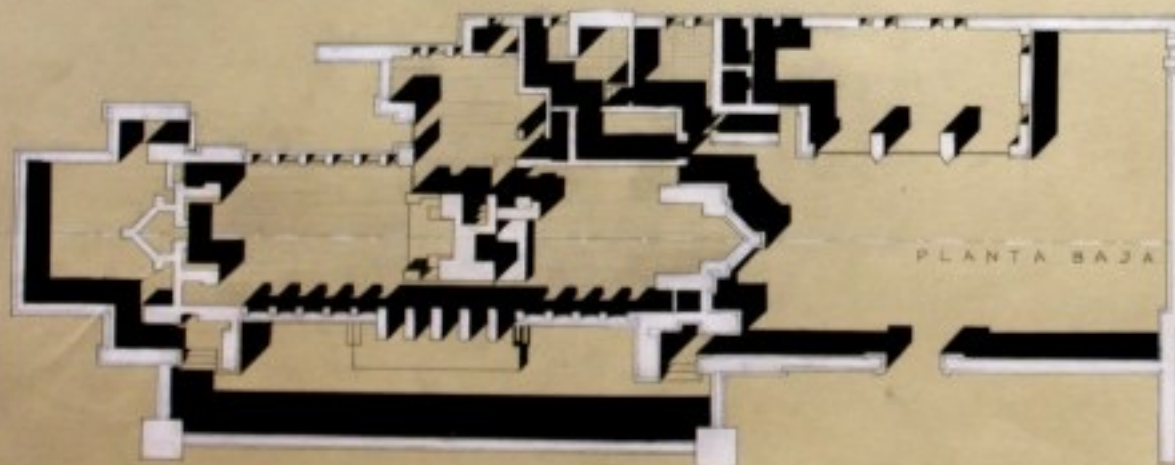
ALZADO ESTE



ALZADO OESTE



ALZADO SUR



PLANTA BAJA



SECCION

ROBIE HOUSE
FRANK LLOYD WRIGHT

1908 CHICAGO
E1150
PATRICIA T.
[P. 1150-1151]

Robie house, Chicago, 1908-09

Bibliografia:

Távora, Fernando - Diário de bordo. Porto : Associação casa da arquitectura, 2012. Vol.I Diário de arquitectura, facsimile. Vol.II Diário de arquitectura, estabelecimento de texto.

Dal Co, francesco - Il tempo e l'architetto : Frank Lloyd Wright e il Guggenheim museum. Milano : Electa, 2004. (Architetti e architetture).

Wright, Frank Lloyd - Autobiografía 1867-[1943]. Madrid : El Croquis, 1998.

Laseau, Paul - Frank Lloyd Wright : between principle and form. New York : Van Nostrand Reinhold, 1992.

Frank Lloyd Wright : collected writings. New York : Rizzoli, [cop.1992]. 1º vol.- 1894-1930. 2º vol.- 1930-1932.

Frank Lloyd Wright : a primer on architectural principles. New York : Princeton Architectural Press, 1991.

Zevi, Bruno - Frank Lloyd Wright. Barcelona : Gustavo Gili, 1985. (Estudio/Paperback).

Hitchcock, Henry-Russell - Frank Lloyd Wright : obras : 1887-1941. Barcelona : Gustavo Gili, 1978.

Habitar_uma casa
O desenho de_Alvar Aalto e Elissa Aalto

- Temas:
- representação. desenho.



Alvar Aalto e Elissa Aalto, Finlândia
(1898-1976 e 1922-1994)

“Não posso esquecer esse primeiro encontro com a obra de Alvar Aalto, tal como ela estava publicada e analisada, a fascinação e emoção com que vi pela primeira vez as fotografias de Viipuri e do dormitório de estudantes do M.I.T., as curvas dos objectos de madeira, aço, vidro, couro, cobre – as curvas dos lagos da Finlândia. (...)

A obra e o pensamento de Aalto tornaram-se então – inevitavelmente – ponto de referência e de meditação.”

Álvaro Siza, 1977,

in Siza, Álvaro - 01 textos. Porto : Civilização, 2009, p. 211-12

Maison Louis Carré

Bazoches-sur-Guyonne, França, 1956-61



Maison Louis Carré, Bazoches-sur-Guyonne, França, 1956-61



Hall de Entrada, Maison Louis Carré



Maison Louis Carré, Bazoches-sur-Guyonne, France, 1956-61



Maison Louis Carré, Bazoches-sur-Guyonne, França, 1956-61

MAISON LOUIS CARRÉ

"Aalto was contacted in autumn 1956 by the well-known French art dealer Louis Carré and his wife, who wished to build a villa of the highest artistic quality and material comfort on a large plot Carré had acquired near the village of Bazoches, with a sweeping view of a history-rich landscape that merges with the Forêt de Rambouillet. In addition to the architecture, Aalto was to be responsible for the furnishings – as exclusively designed as possible – and for the landscaping of the whole plot with terraces and plantings.

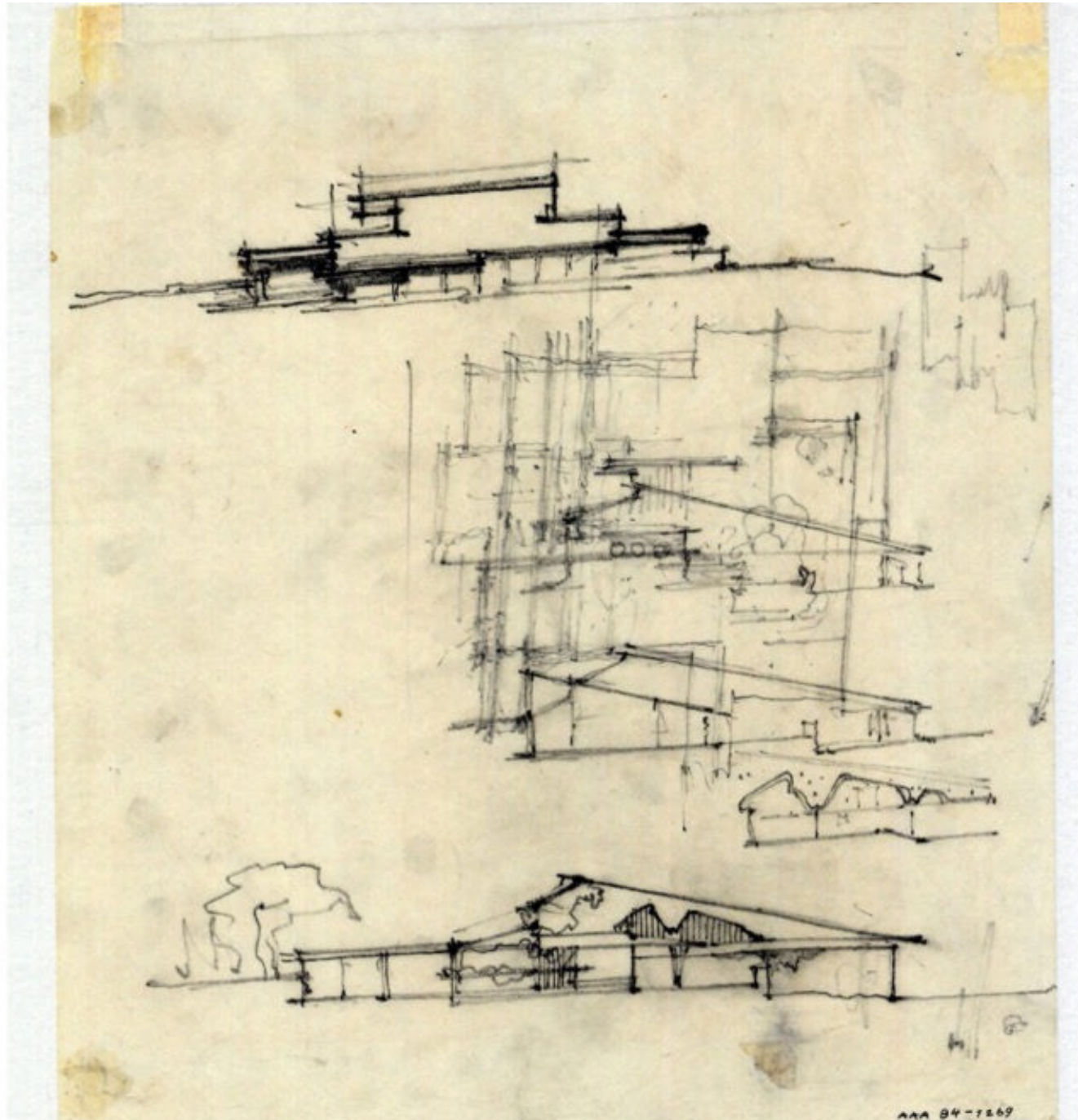
He designed a house under an immense lean-to roof made of blue Normandy slate, pitched in imitation of the landscape itself. The base and parts of the walls are Chartres limestone; white rendered brick and marble were also used for the facades. Since the purpose of the house was partly to exhibit gems from the dealer's stocks to prominent clients in an exclusive domestic milieu, the rooms were divided into an entertaining section and a service section, the bedrooms being connected with the latter.

The spacious entrance hall with large panels for hanging paintings has a free-form wooden ceiling, built in situ by Finnish carpenters, as was the stepped wooden ceiling of the large living room. The entire living room wall facing the view is filled by a panorama window.

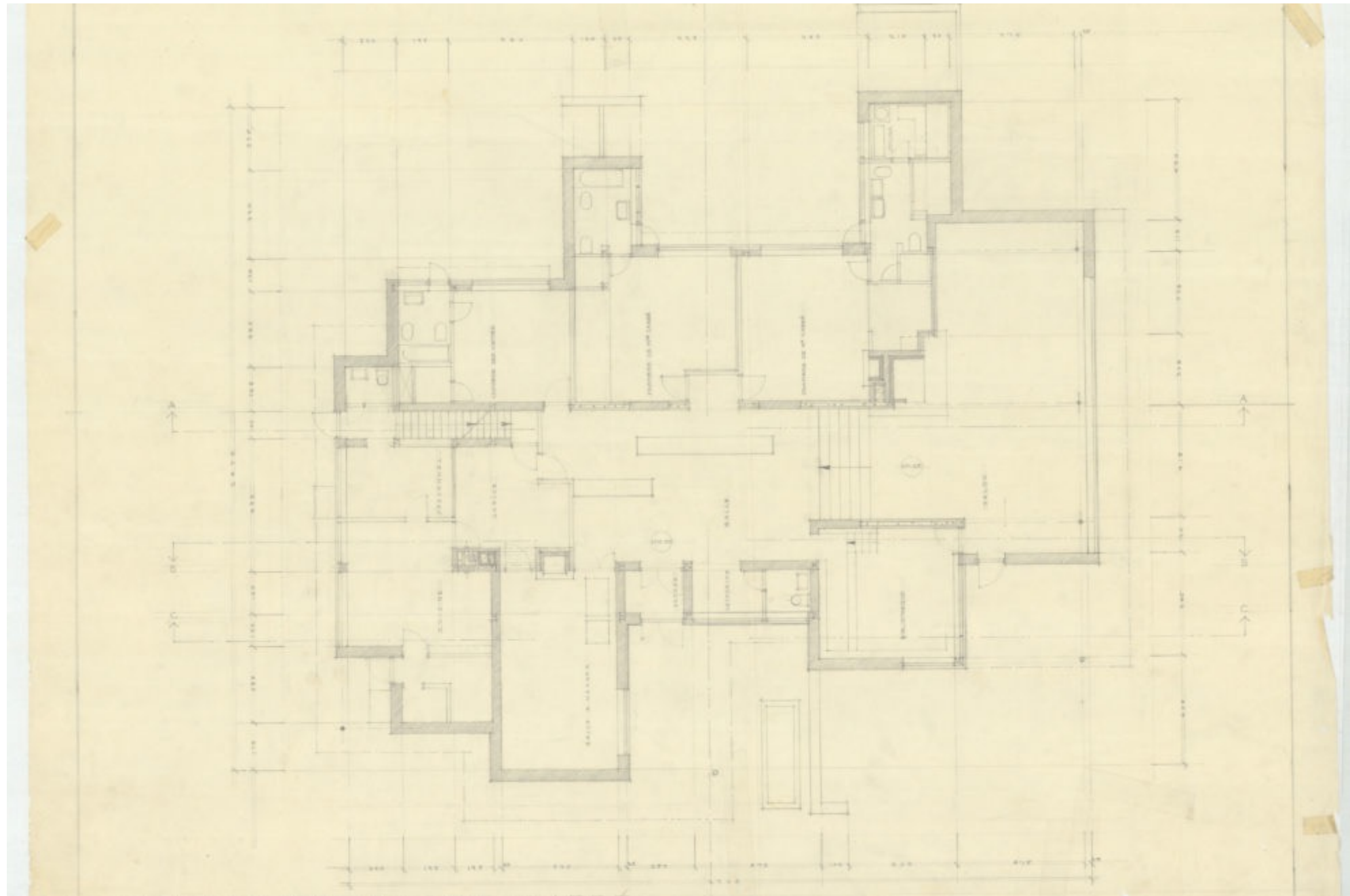
Specially designed light fixtures, fixed and movable furnishings with many unique touches complete the interior, which with its magnificent works of art rivals that of the Villa Mairea for modern comfort. Mr. and Mrs. Carré's separate bedrooms with a Finnish sauna and an intimate garden area sheltered from the wind, are also lavishly appointed. The rising pitch of the roof from the kitchen area, office, and the luxurious guestroom makes space for an upper storey containing four staff bedrooms.

The surrounding garden, with its many old trees, was landscaped by Aalto with a system of 'turf stairs' i.e., low grassy terraces supported by cleft tree trunks (today replaced by stone ones), similar to those used in the Säynätsalo municipal offices and Aalto's own Experimental House.

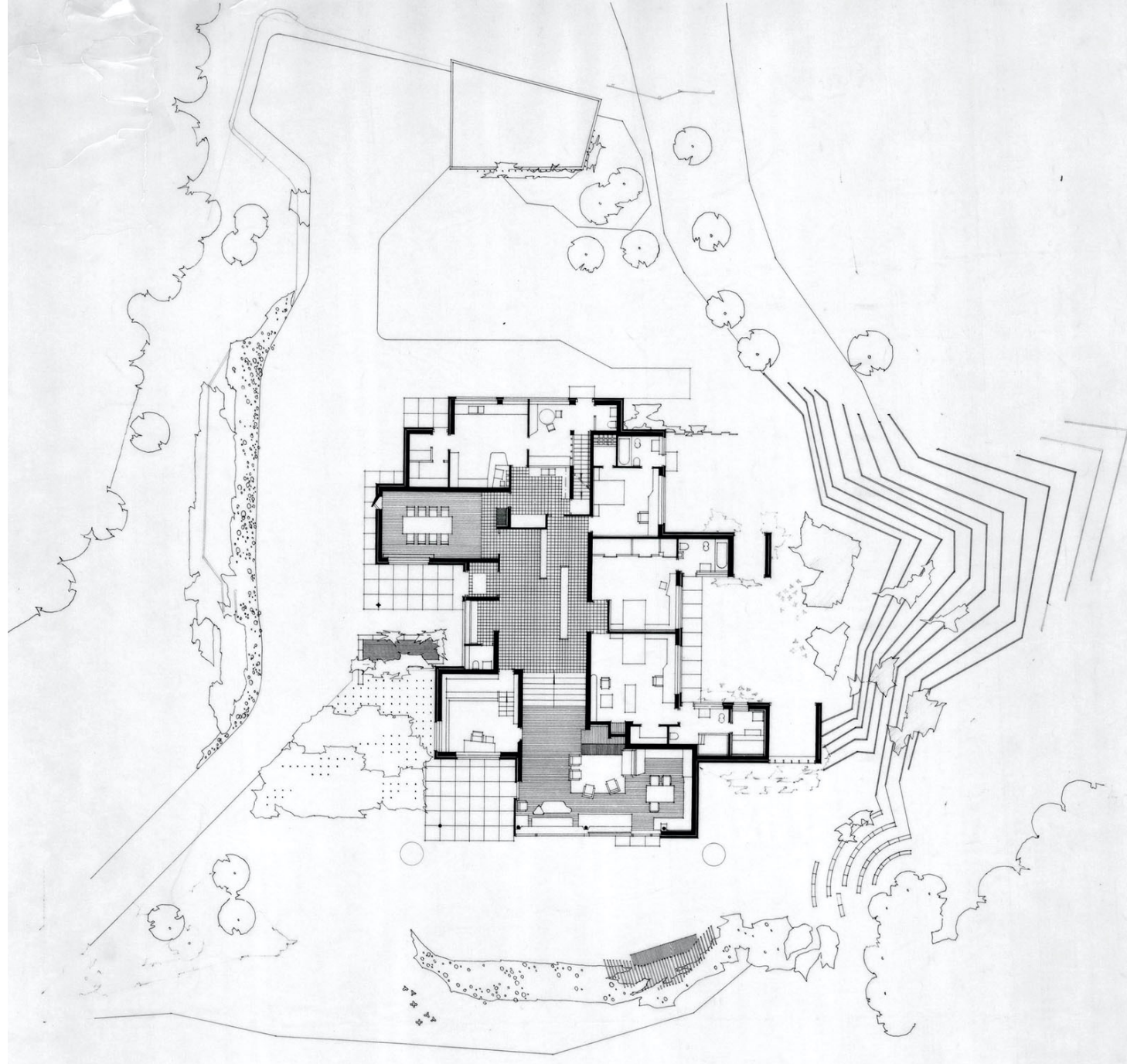
The garden also contains a theatre cavea built of slate, reminiscent of that enclosed by Aalto's architectural office. A garage, partly embedded into the slope, and a swimming pool complete the picture. The Maison Carré was inaugurated in 1959, but work continued until 1961."



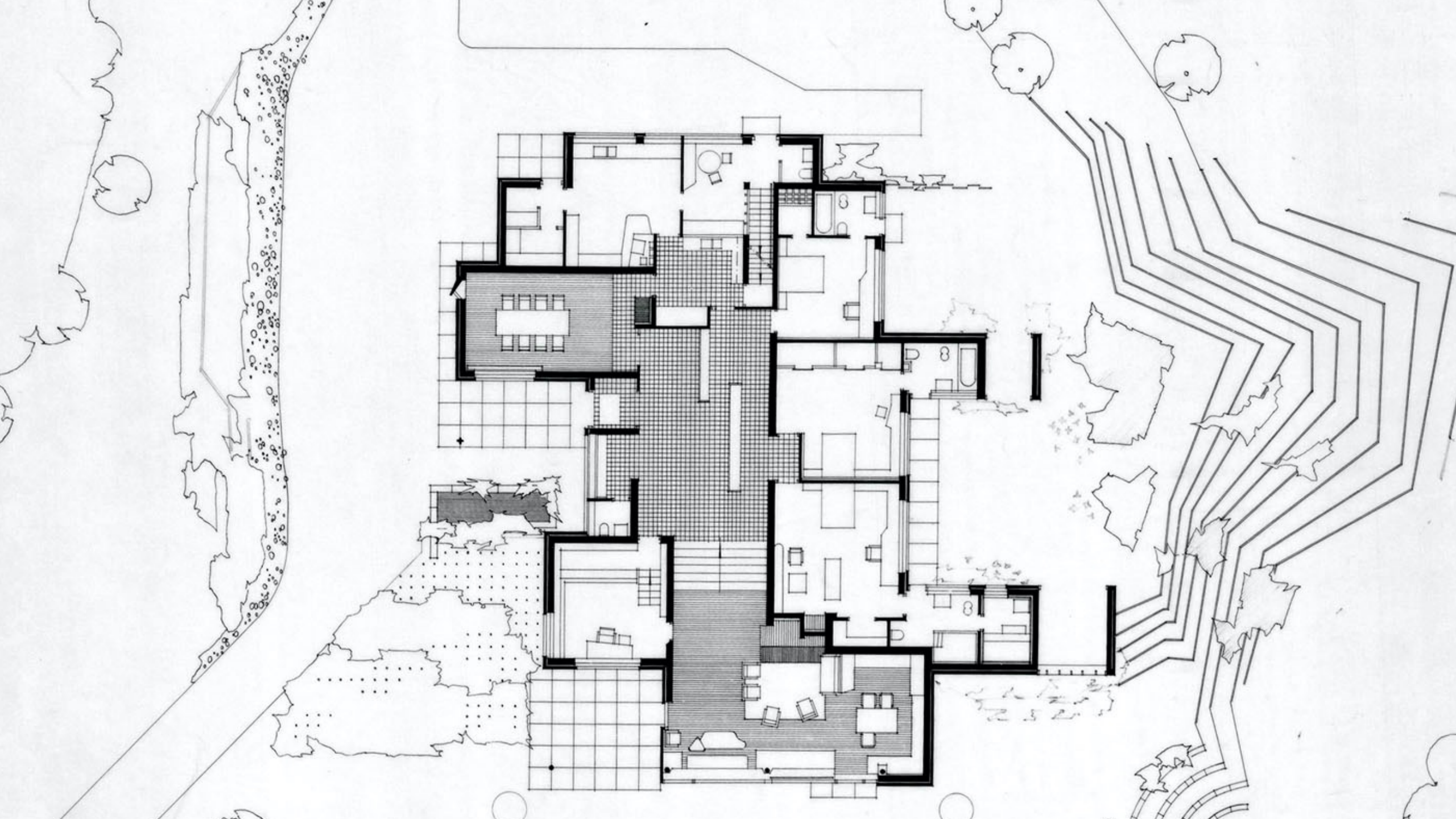
Sketches, Alvar Aalto

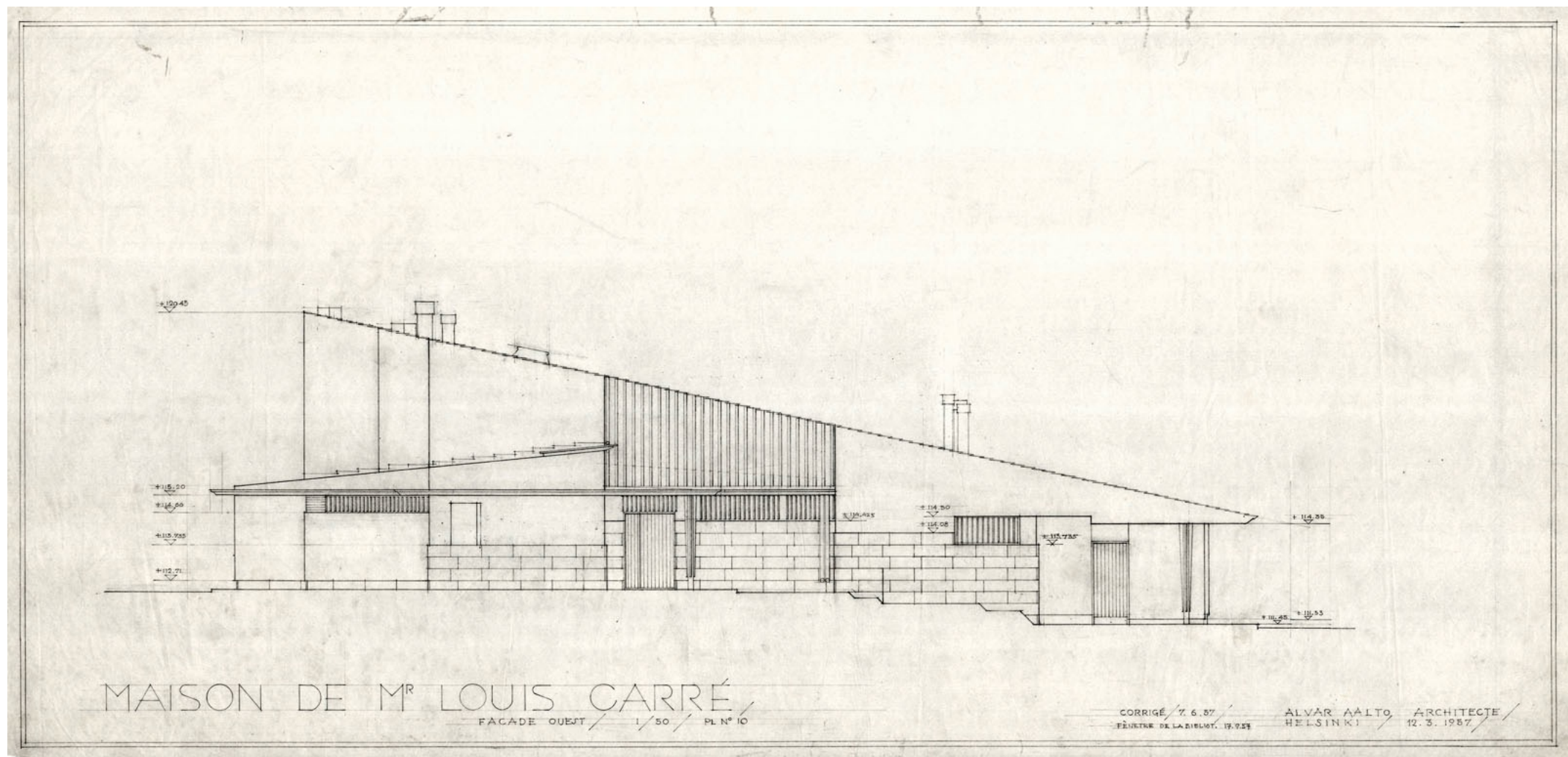


Ground floor plan, Maison Louis Carré, Alvar Aalto

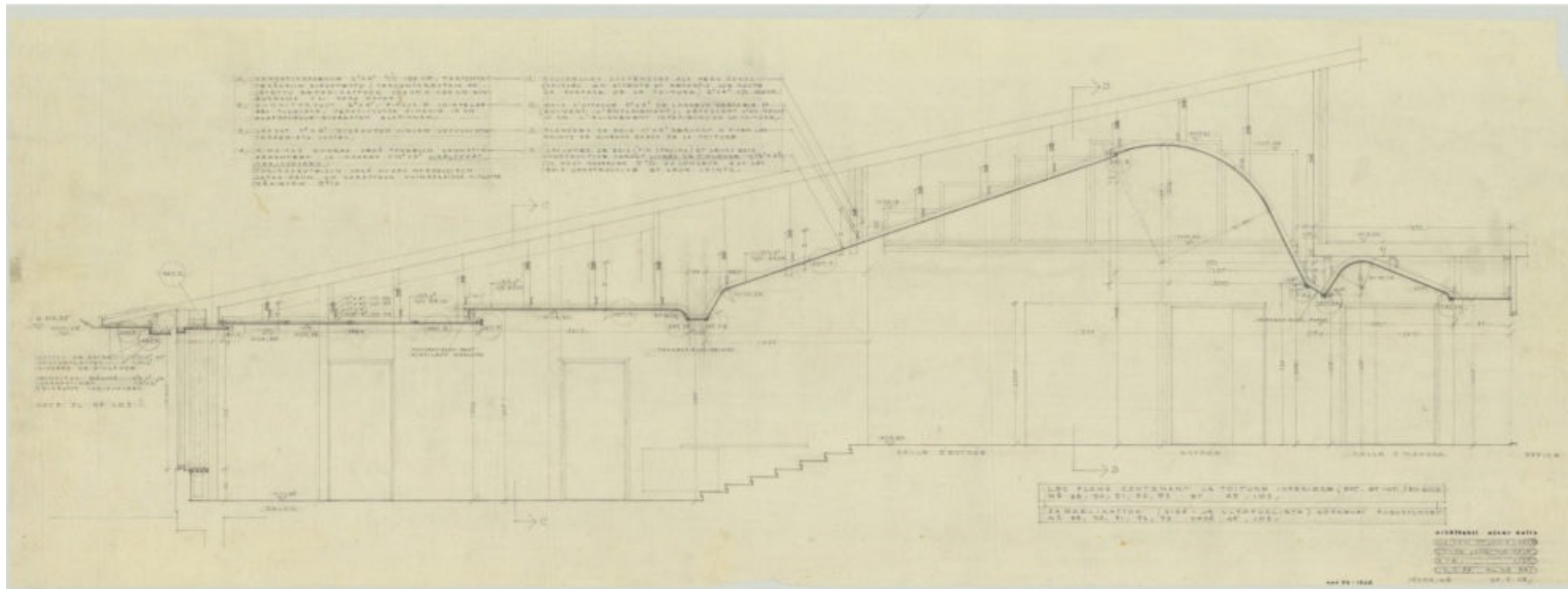


Site and ground floor plan, Maison Louis Carré, Alvar Aalto

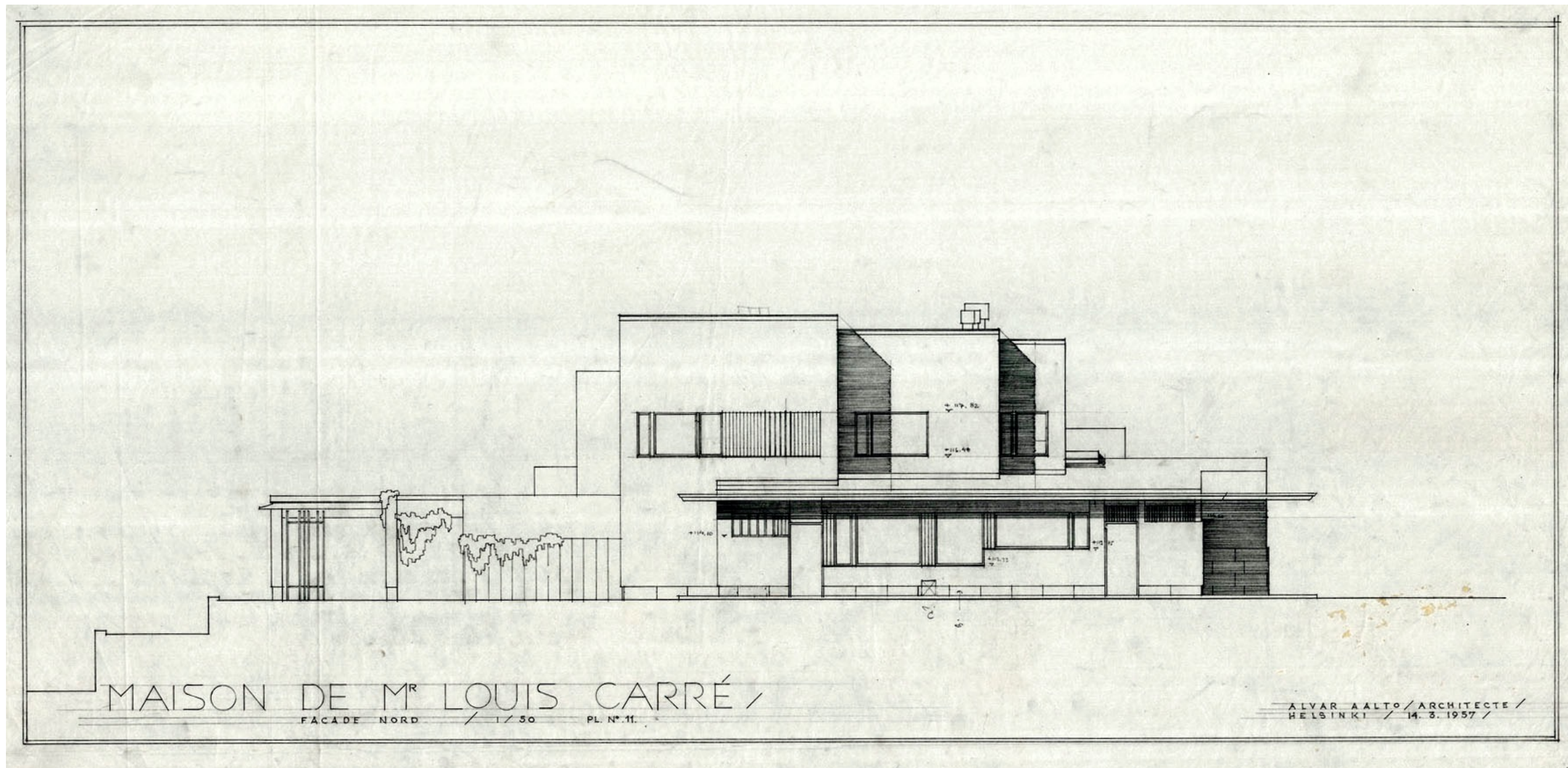




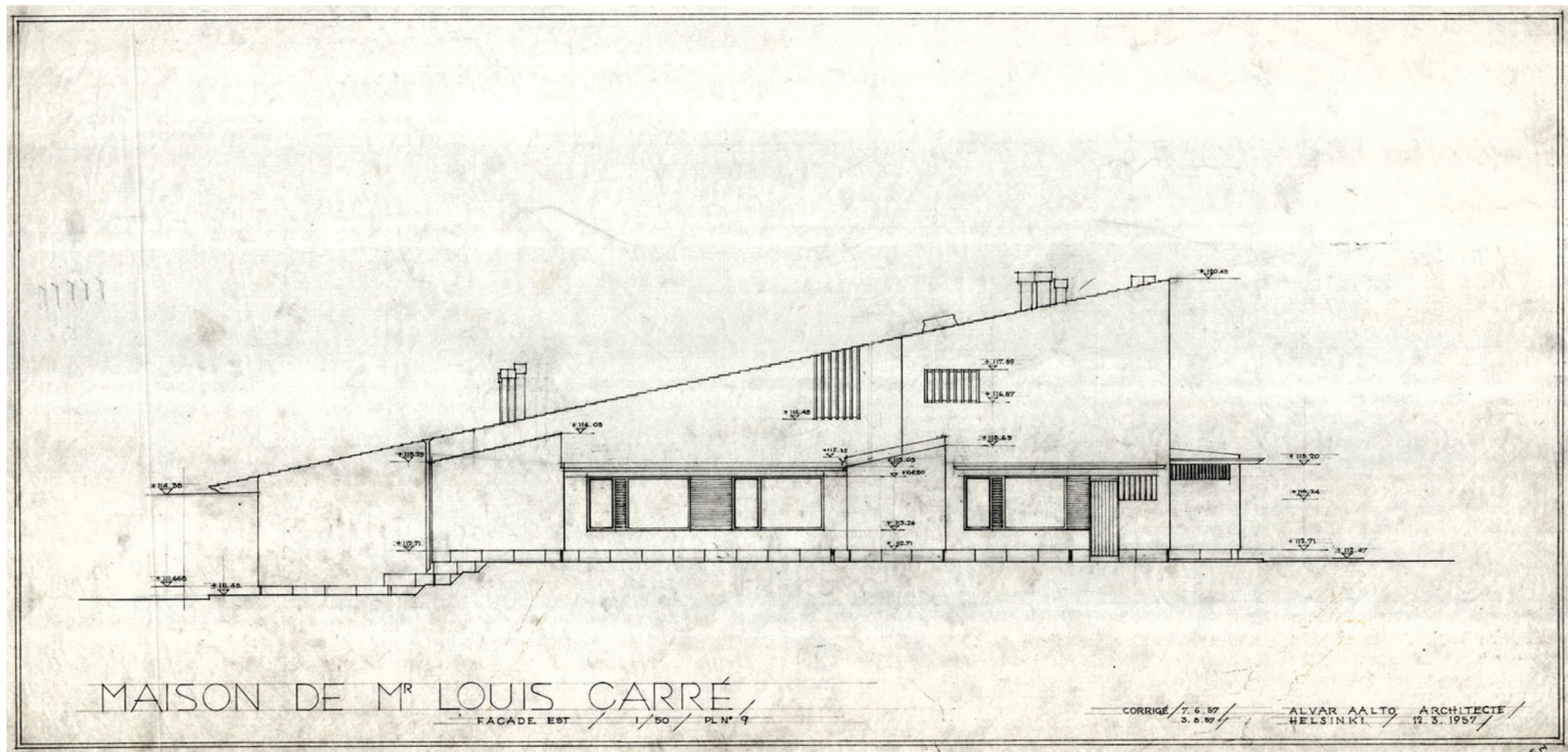
North elevation, Maison Louis Carré, Alvar Aalto



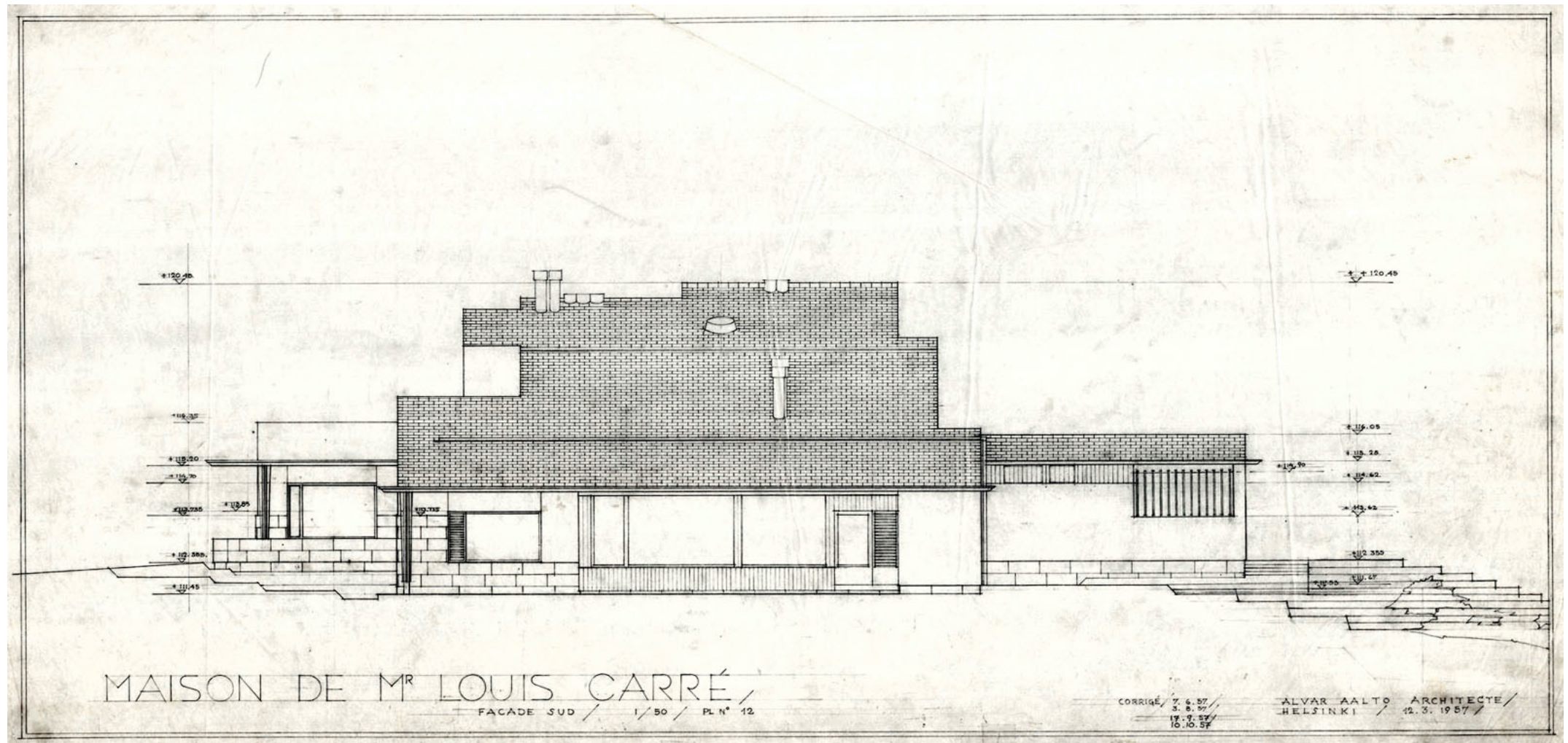
Section, Maison Louis Carré, Alvar Aalto



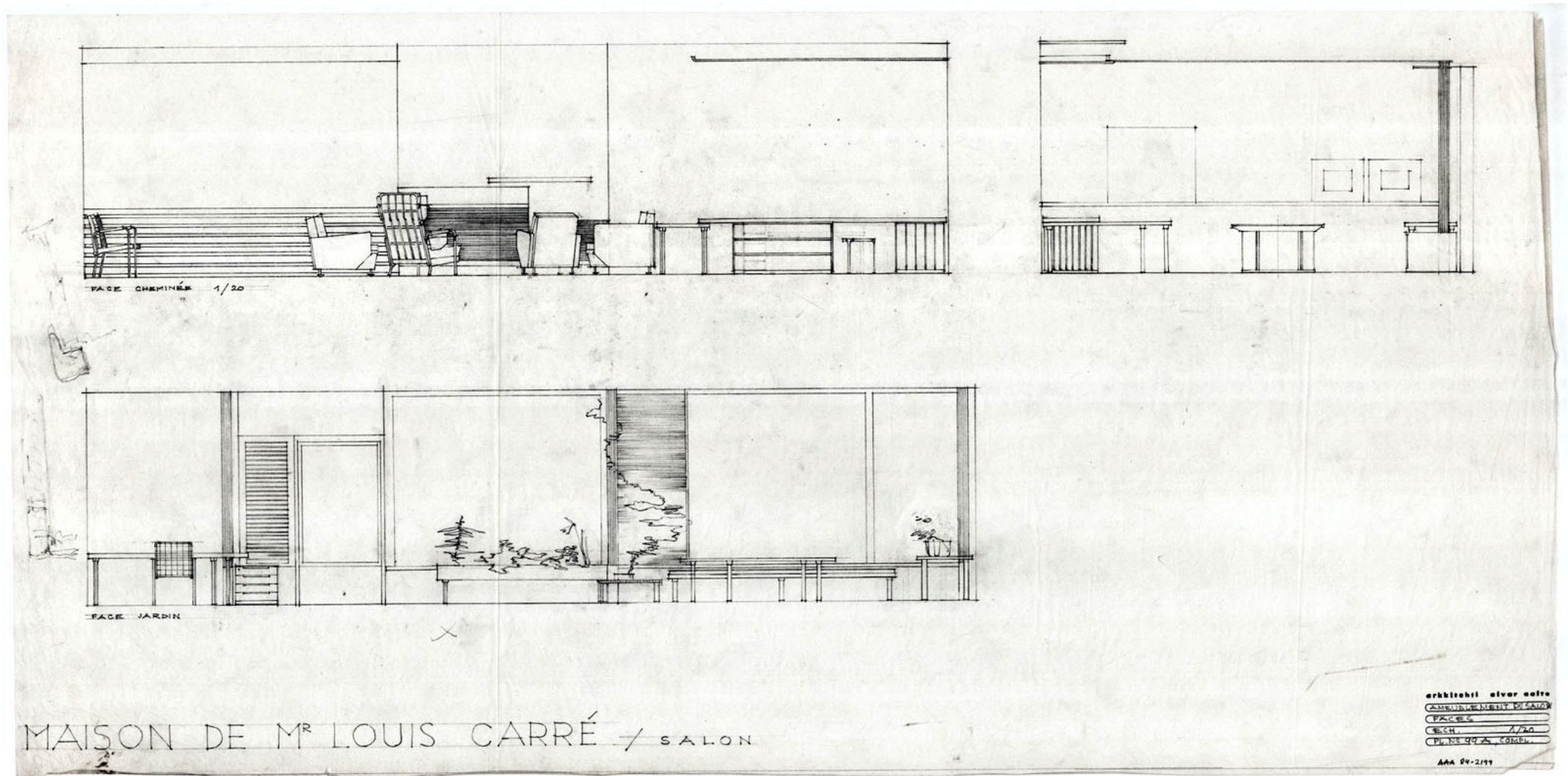
East elevation, Maison Louis Carré, Alvar Aalto



South elevation, Maison Louis Carré, Alvar Aalto



West elevation, Maison Louis Carré, Alvar Aalto



Living room furniture, facing garden, Maison Louis Carré, Alvar Aalto

Muuratsalo Experimental House

Finland, Jyväskylä, 1952-54



Muuratsalo Experimental House, Alvar Aalto, 1952-1954

MUURATSALO EXPERIMENTAL HOUSE

"Muuratsalo Experimental House, the summer home of Alvar and Elissa Aalto, is situated on the western shore of the island of Muuratsalo, in lake Päijänne. Within the grounds of the Experimental House are the house itself, a woodshed and a smoke sauna. The rocky site measures 53650 m².

The Experimental House consists of the main building (1952) and a questroom-wing (1953). The L-shaped main building and walls enclose an internal courtyard which opens towards the south and west. In the internal courtyard, the facade treatment of the house changes from white-painted plastered walls to red brick. The heart of the patio is formed by an open fireplace in the centre of the courtyard.

The walls have been divided into about 50 panels which have been finished with various different kinds of bricks and ceramic tiles. The ground of the internal courtyard has also been finished with different brick patterns, in contrast to the rest of the site, which has been left in its natural state. The quest wing, the woodshed and the rock face form a screen to the informal garden area to the east of the building.

In *Arkkitehti* (the Finnish Architectural Review), number 9-10/53, Aalto describes the building as a combination of a protected architect's studio and an experimental centre for carrying out experiments that are not yet sufficiently well developed to be tried out in practice, and where the proximity of nature may offer inspiration for both form and structure. Aalto's aim was to create a kind of laboratory with a playful approach.

The main experimental areas Aalto mentioned were

1. experimenting with building without foundations
2. experimenting with free-form brick construction
3. experimenting with free-form column structures
4. experimenting with solar heating

'Free-form brick construction' and 'solar heating' experiments were not carried out, but 'building without foundations' was implemented in the sub-structure of the floor of the quest wing. 'Free-form column structure' experiments were carried out in the woodshed in such a way that the load-bearing wooden columns are placed in the most advantageous points in the terrain.

The smoke sauna is situated on the shore of the lake in a sandy cove. It was constructed on stones on the shore, and the building logs were obtained from trees felled on the site. In addition to the steam room, the sauna building contains a changing room. Alvar Aalto made sketches of the sauna and Elissa Aalto prepared the working drawings"

<https://www.alvaraalto.fi/en/architecture/muuratsalo-experimental-house/>



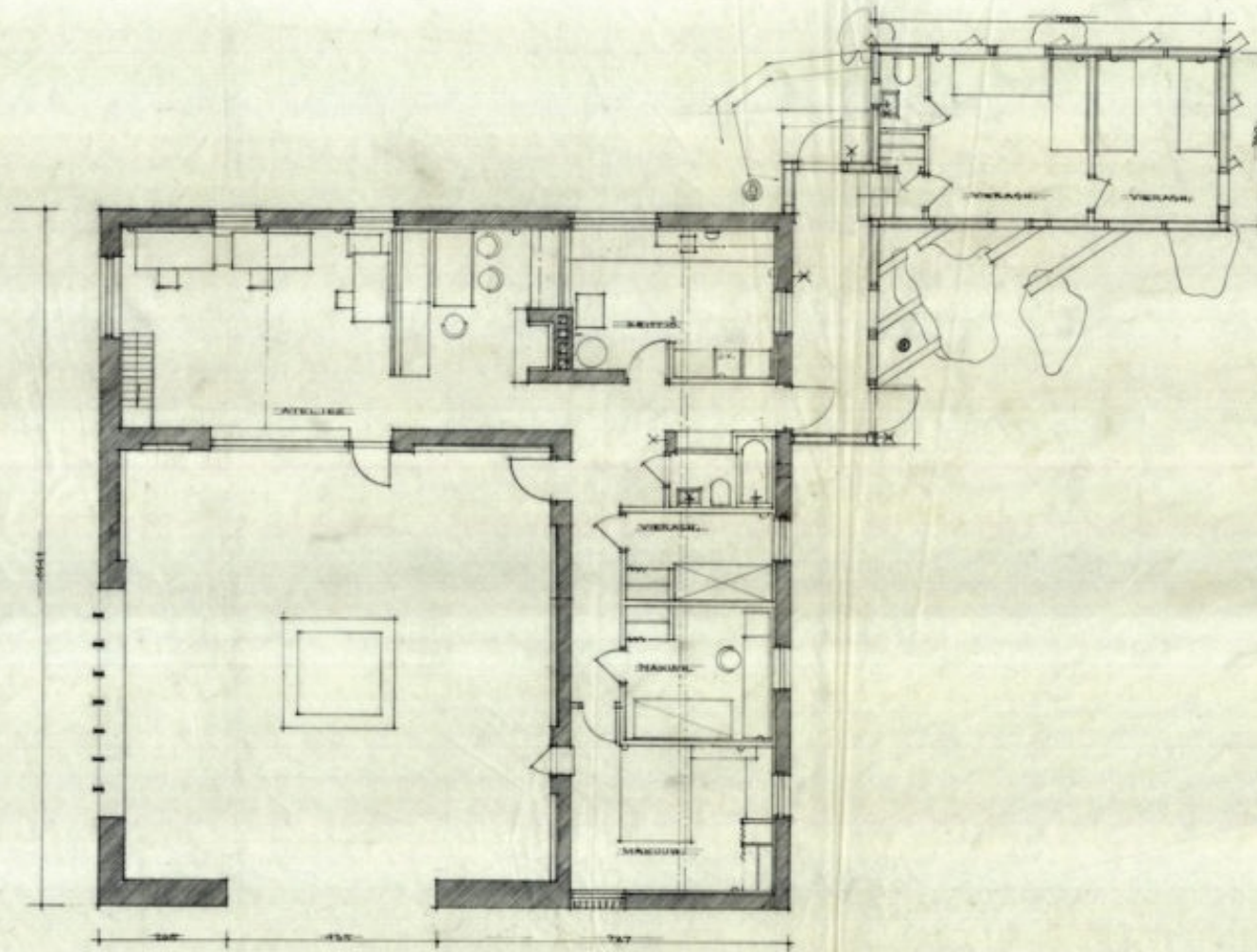
Muuratsalo Experimental House, Alvar Aalto



Muuratsalo Experimental House, Alvar Aalto



Site Plan, Muuratsalo Experimental House, Alvar Aalto



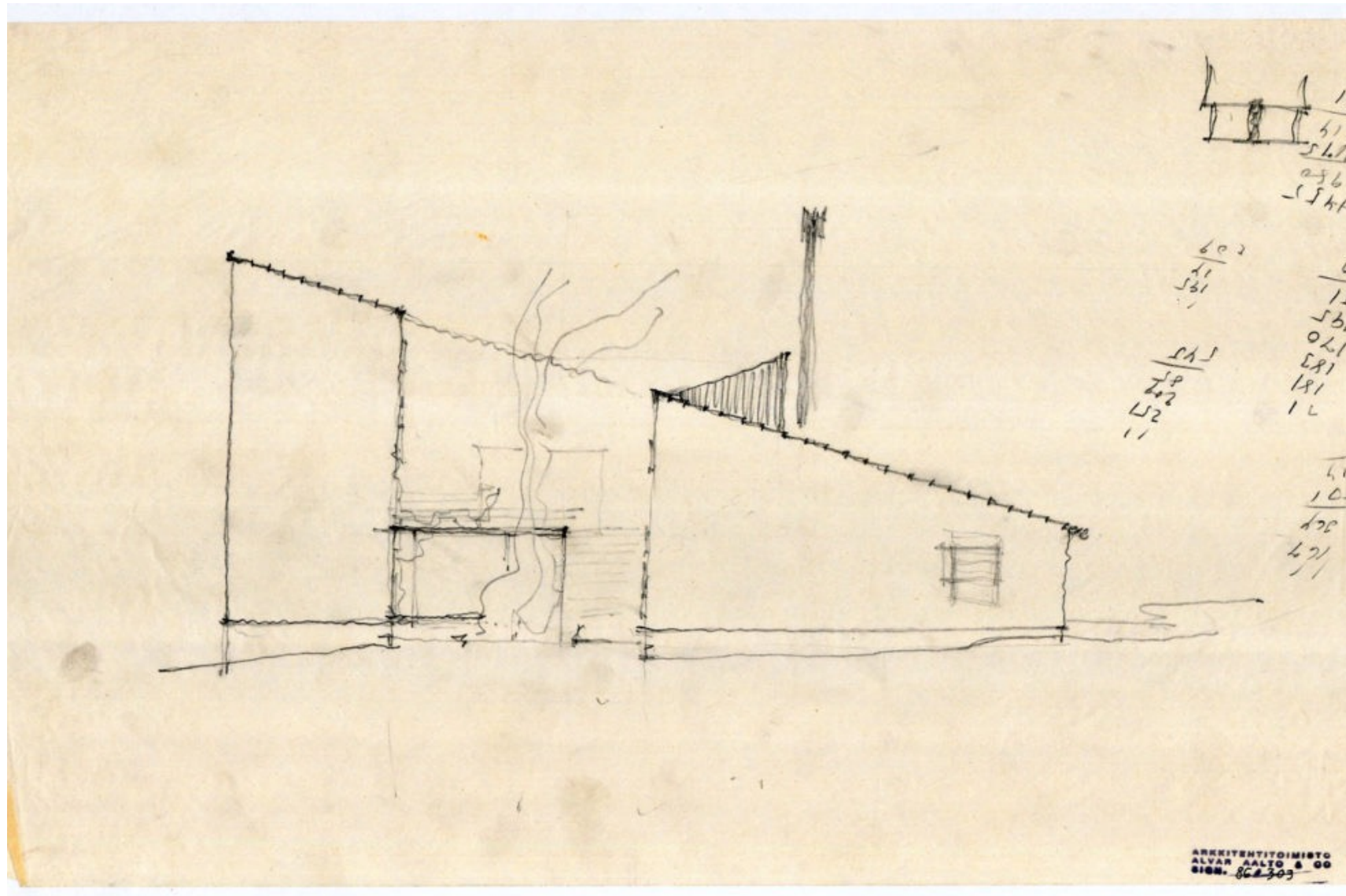
KOETALO/
MUURATJALO

POHJA PIIRROS 1/50

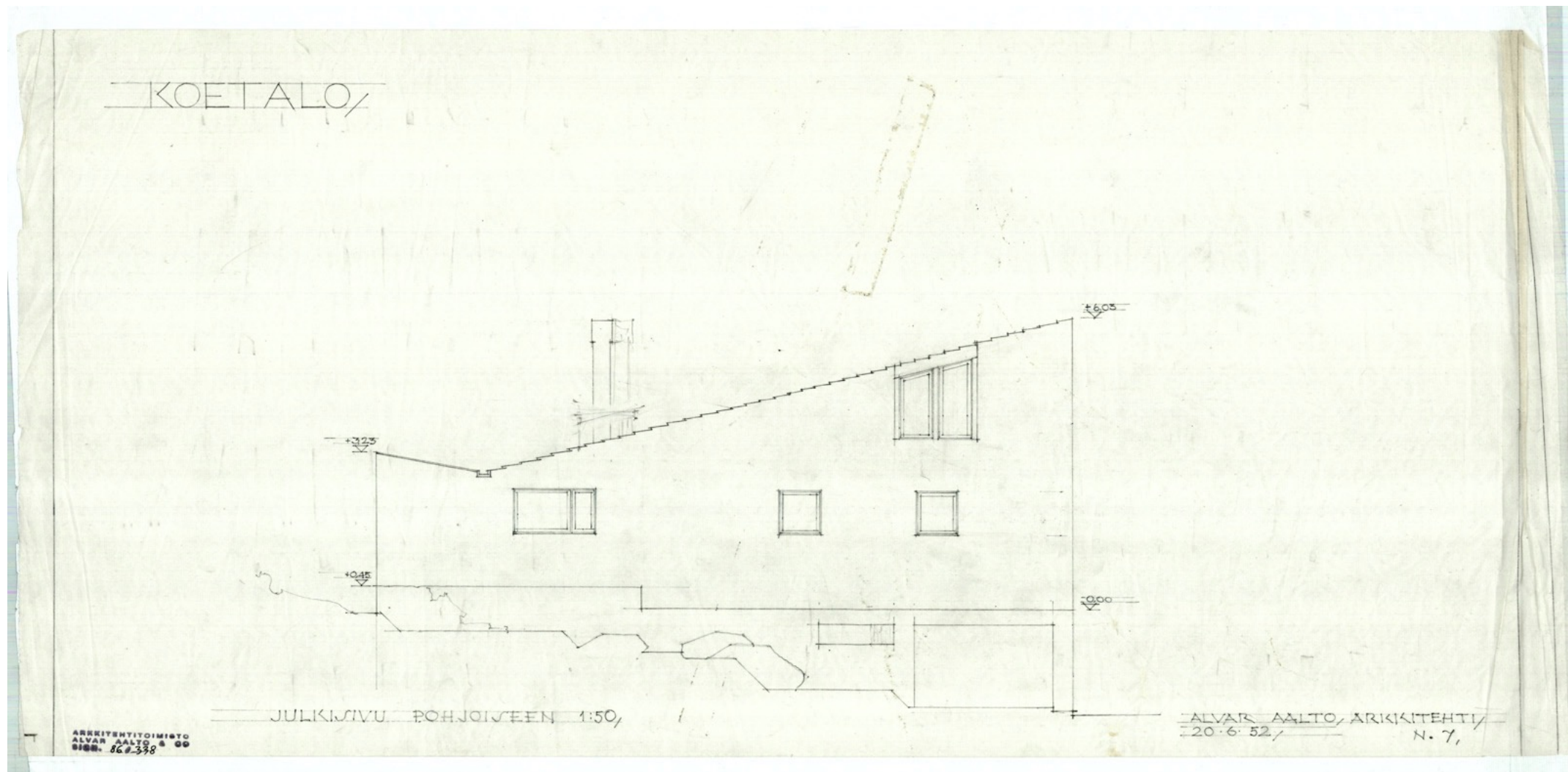
ALVAR AALTO, ARKKITEHTI

1935

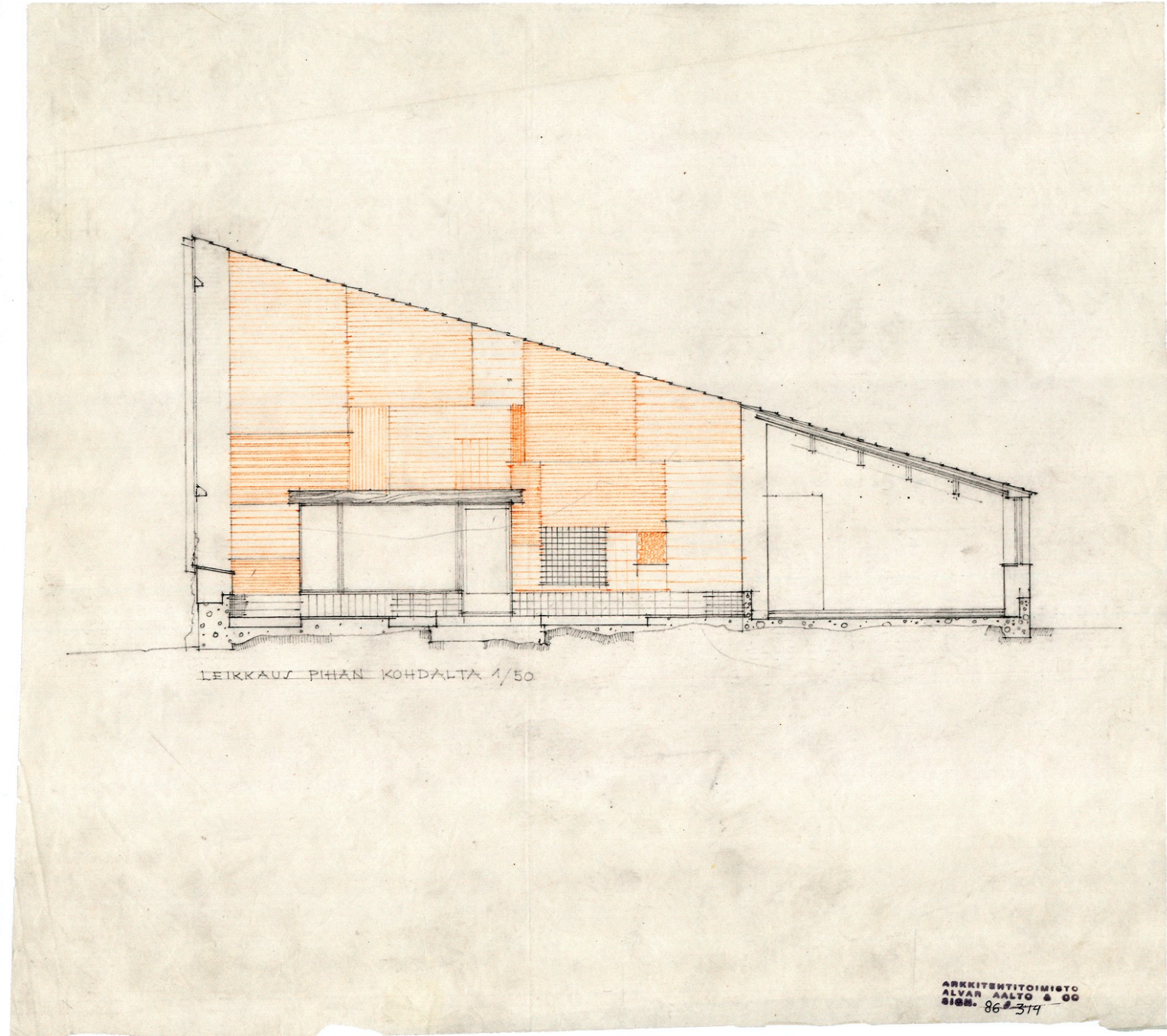
Floor plan, Muuratsalo Experimental House, Alvar Aalto



A sketch of the main building and patio with its fireplace, Muuratsalo Experimental House, Alvar Aalto



North elevation, Muuratsalo Experimental House, Alvar Aalto

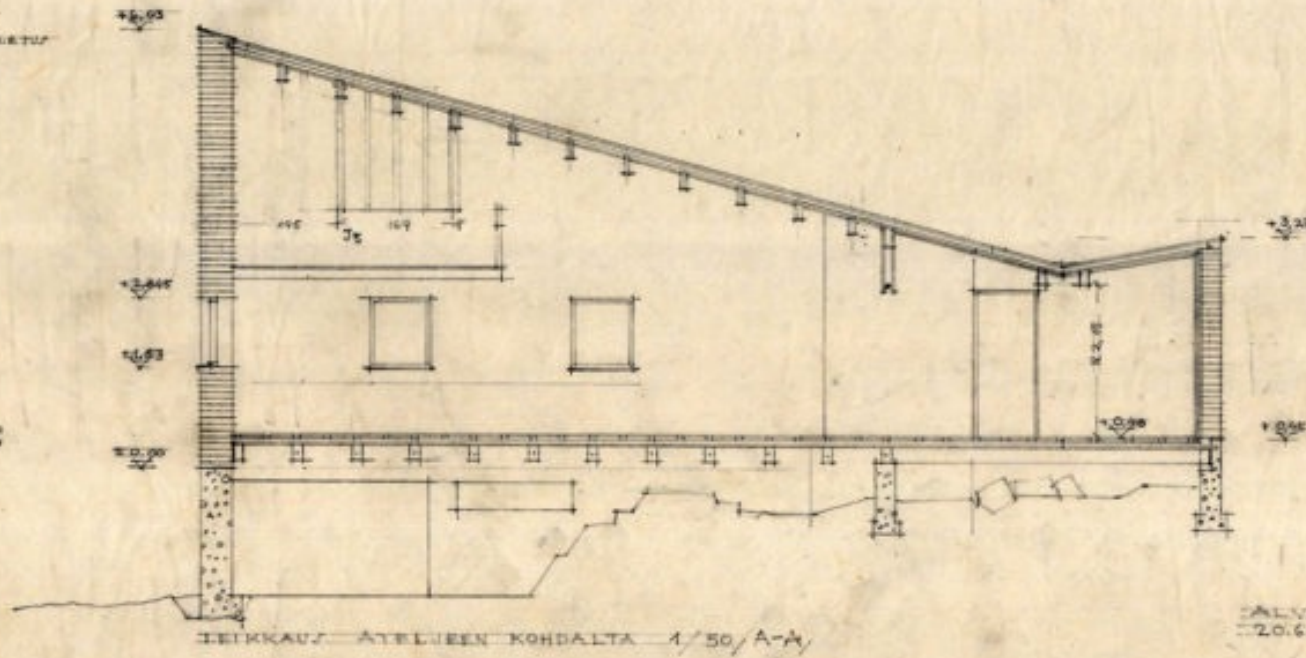


Section and courtyard elevation, Muuratsalo Experimental House, Alvar Aalto

KOETALO

KATIHUOPA
KORITILAUDOITUS
KOROKKEET 2" x 4", TUUSTUS
KATILAUDOITUS
KATILAUDOITUS
PUUPALKIT

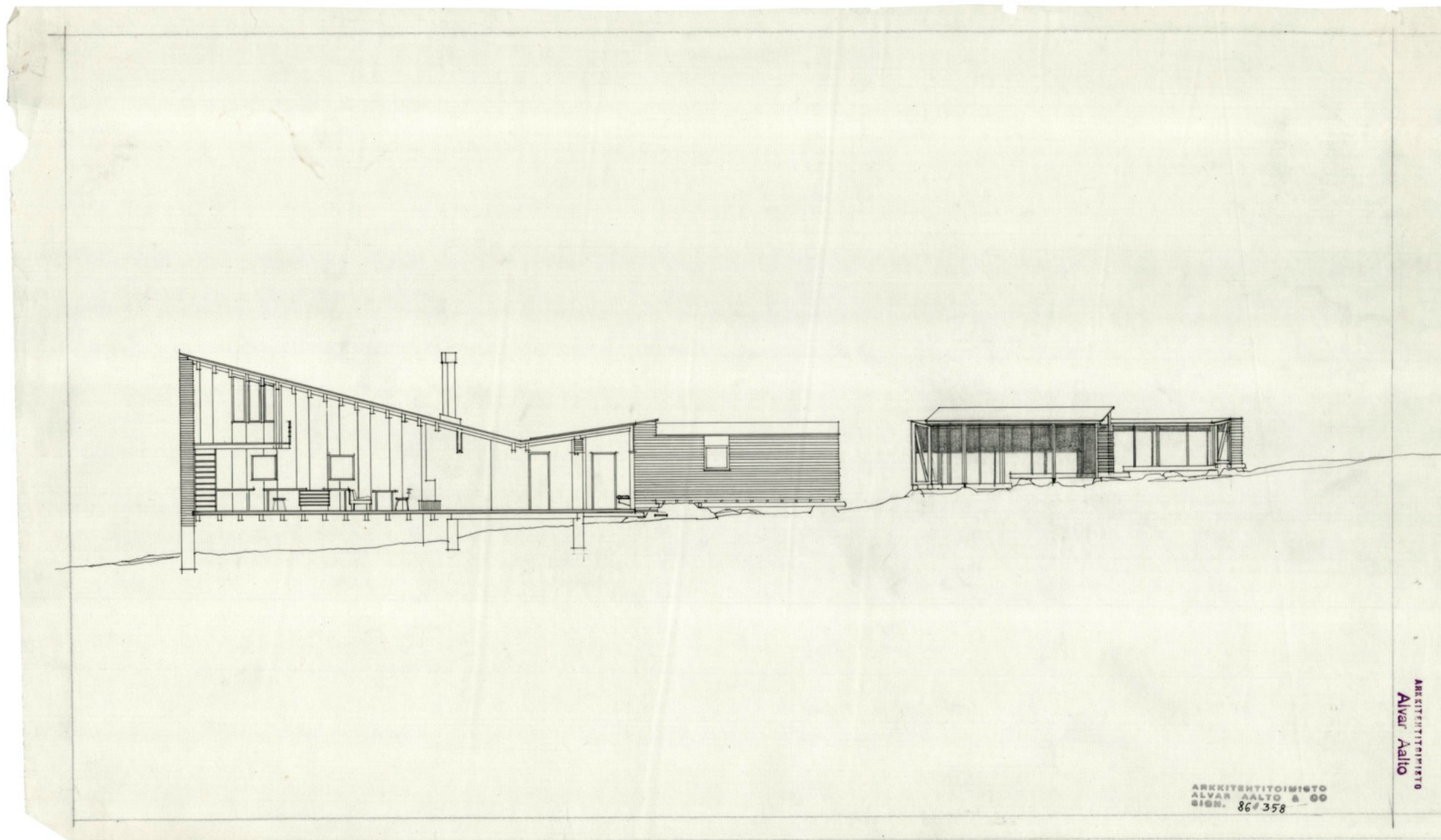
KATILAUDOITUS 1 1/2" x 2"
KOROKKEET 2" x 4" x 4"
KATILAUDOITUS
KATILAUDOITUS
KATILAUDOITUS
KATILAUDOITUS



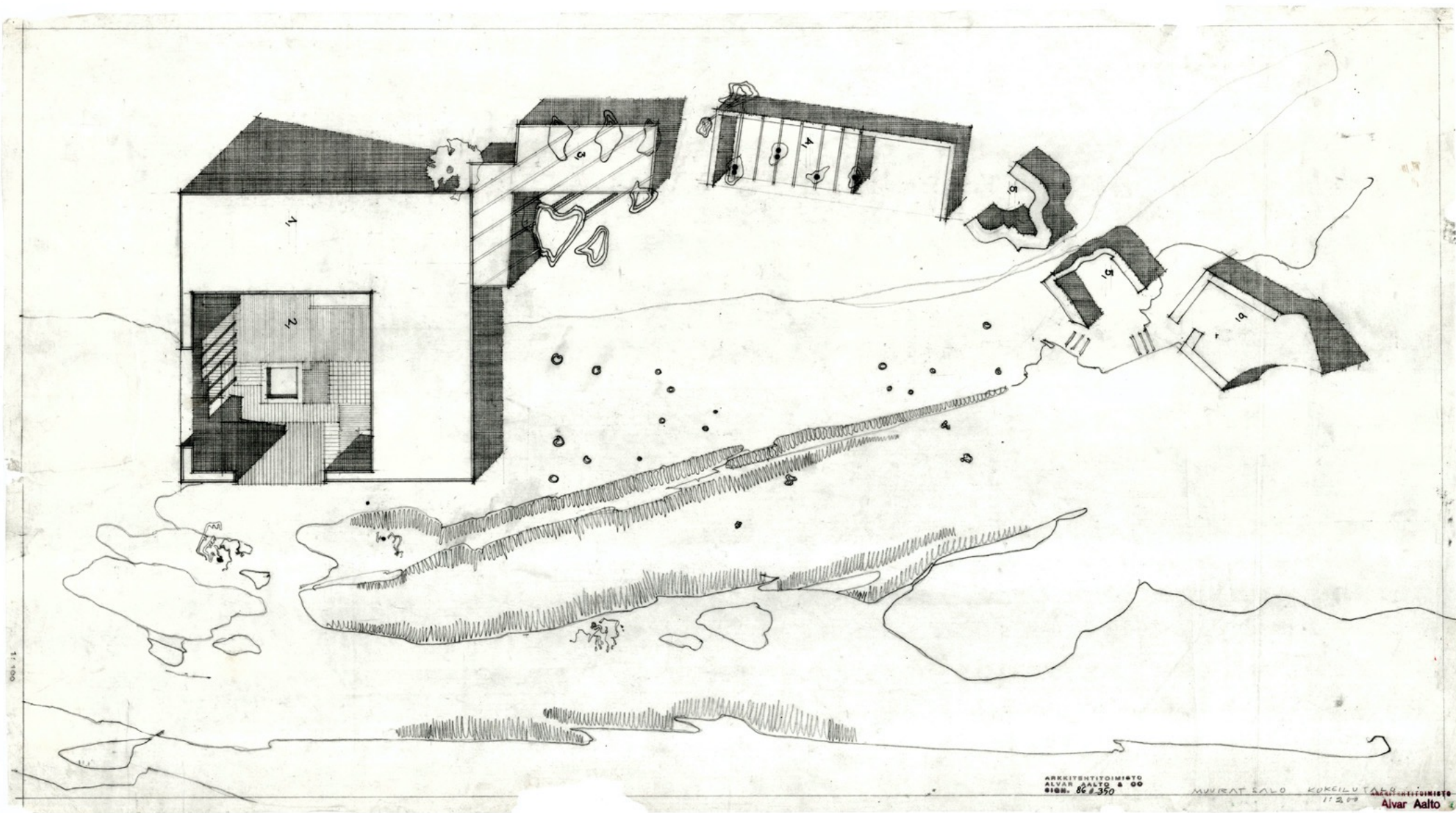
ALVAR AALTO / ARKKITEHTI
20.6.52 N.3

ARKKITEHTITOIMISTO
ALVAR AALTO & OO
SIBB. 867-316

Section, Muuratsalo Experimental House, Alvar Aalto



Section, Muuratsalo Experimental House, Alvar Aalto



Site plan, Muuratsalo Experimental House, Alvar Aalto

Villa Mairea

Finland, Noormarkku, 1937-38



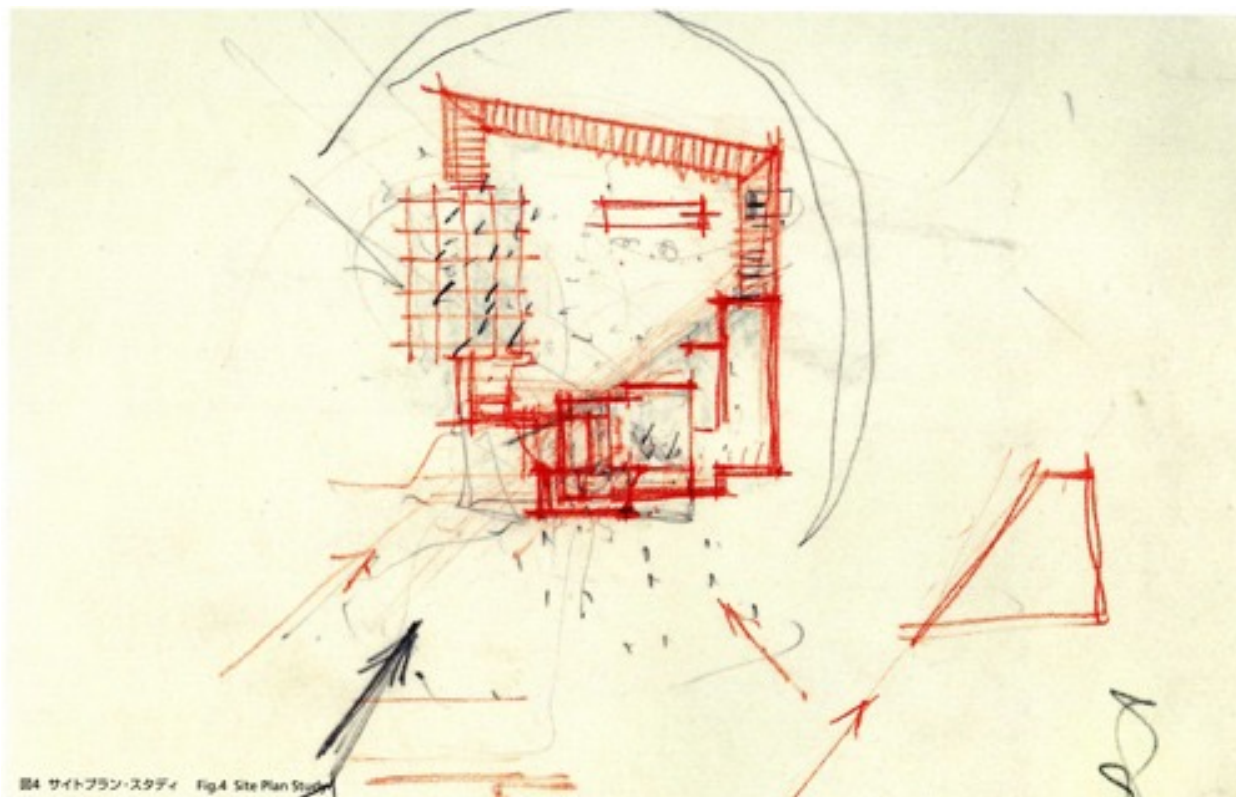
Villa Mairea, Aino y Alvar Aalto, 1937-38



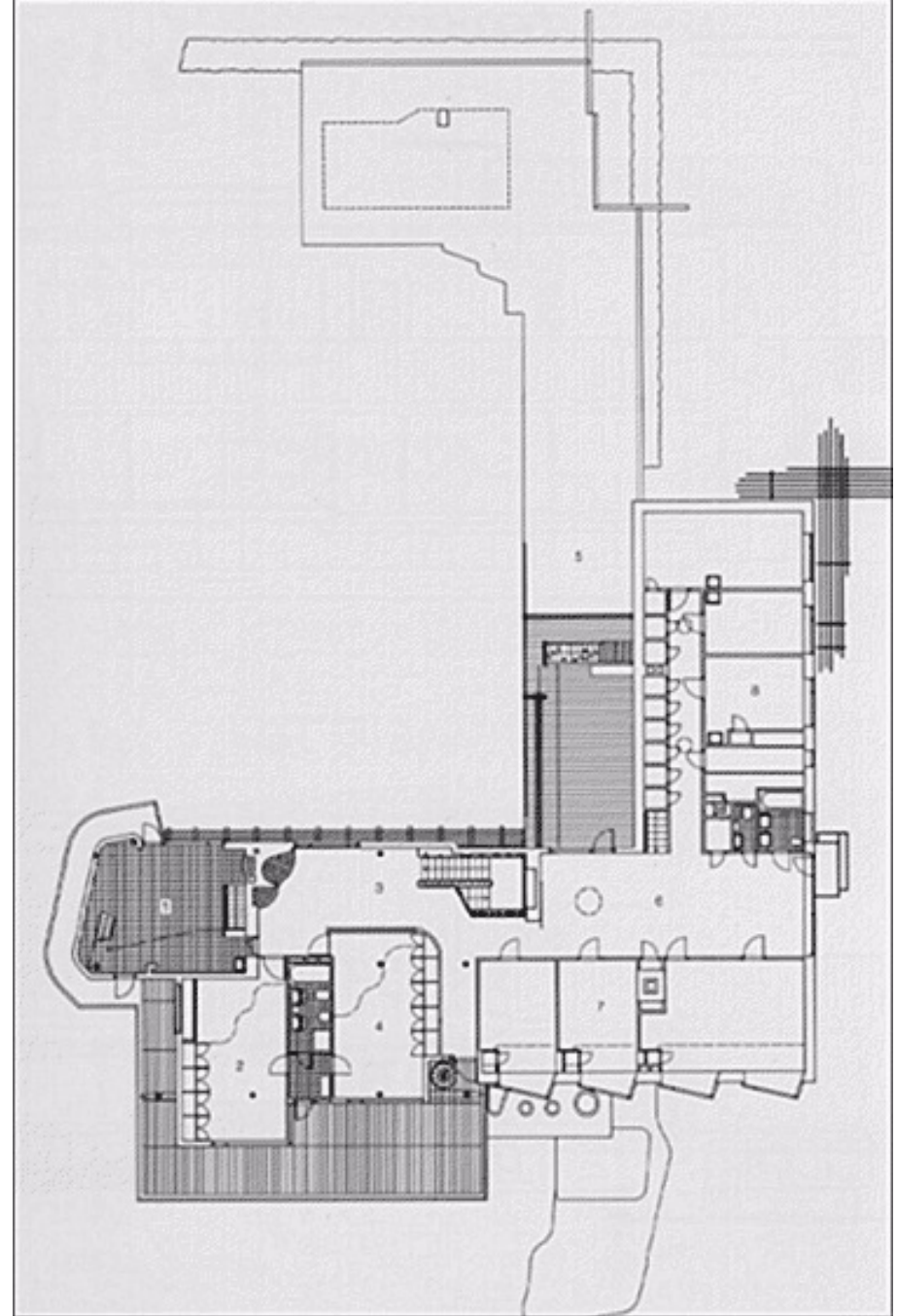
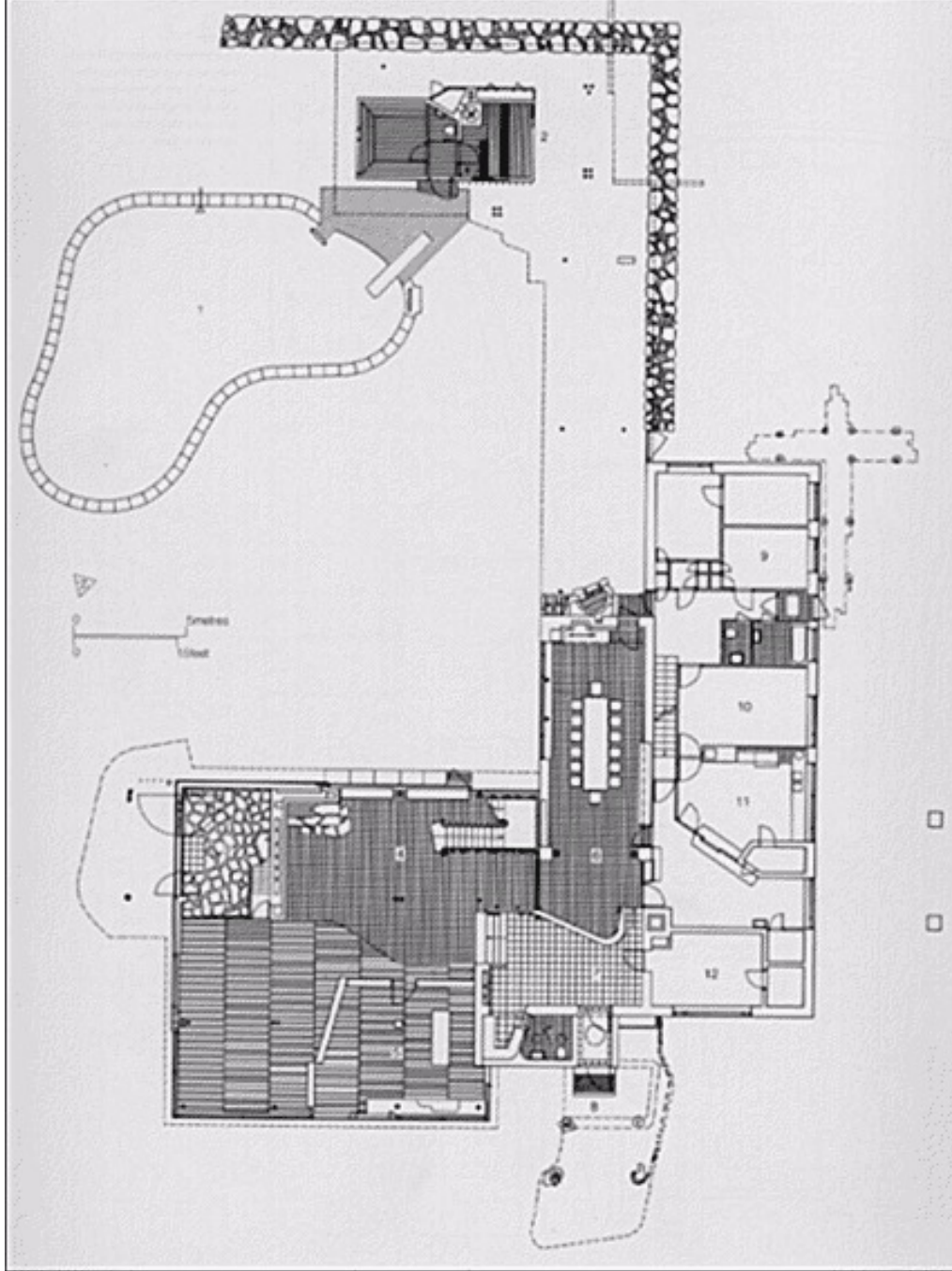
Villa Mairea, Aino y Alvar Aalto, 1937-38



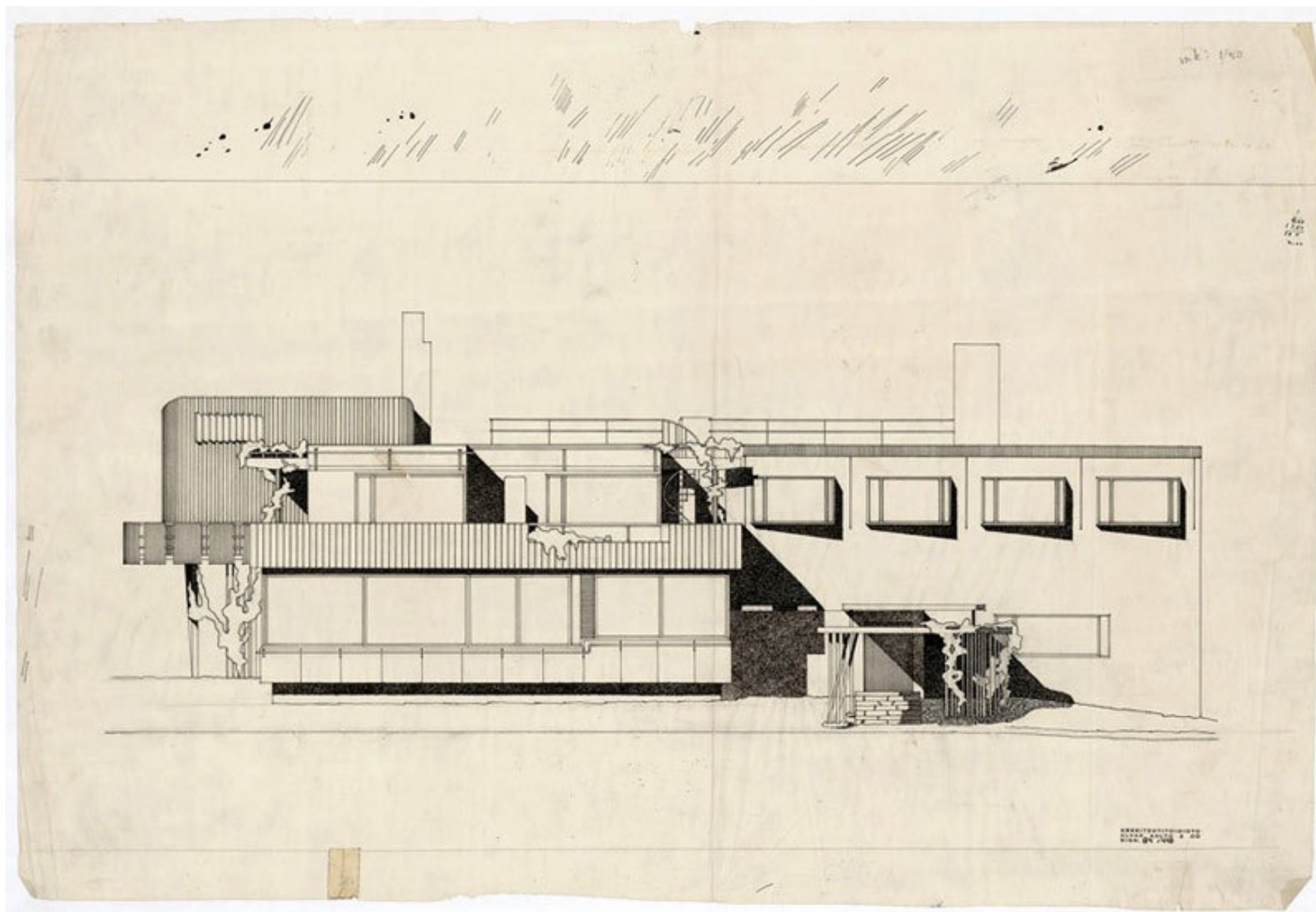
Villa Mairea, Aino y Alvar Aalto, 1937-38



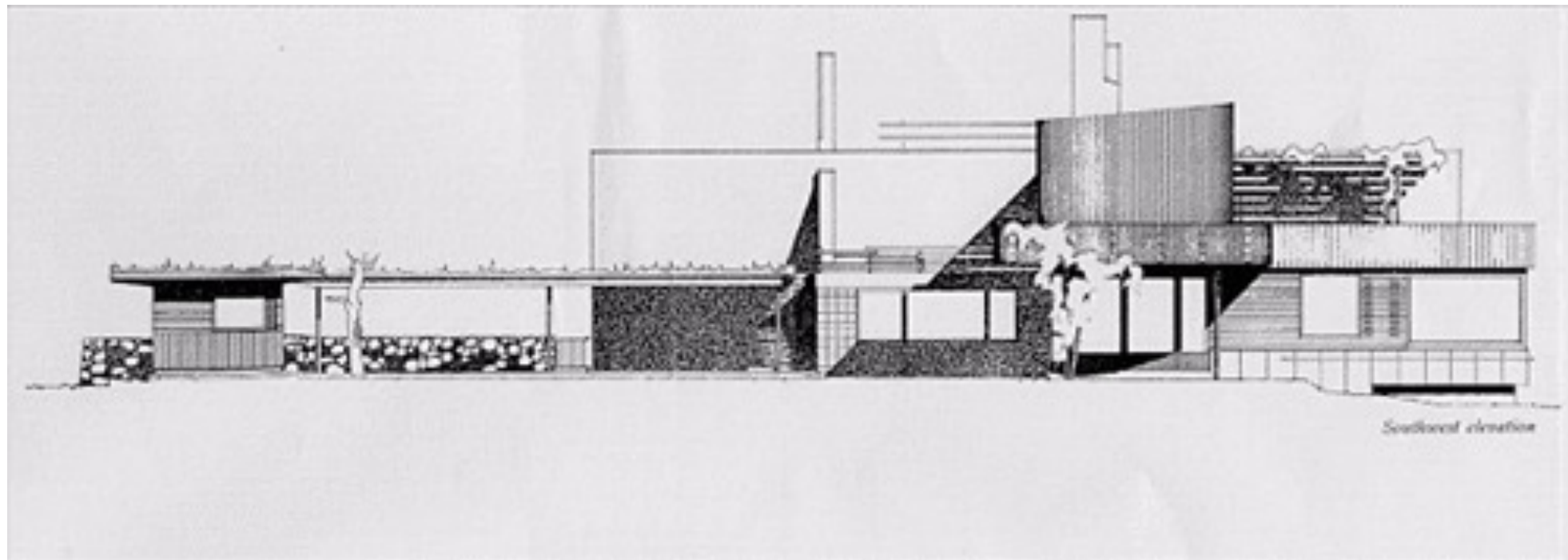
Esquisso, Villa Mairea, Aino y Alvar Aalto, 1937-38



Plantas, Villa Mairea, Aino y Alvar Aalto, 1937-38



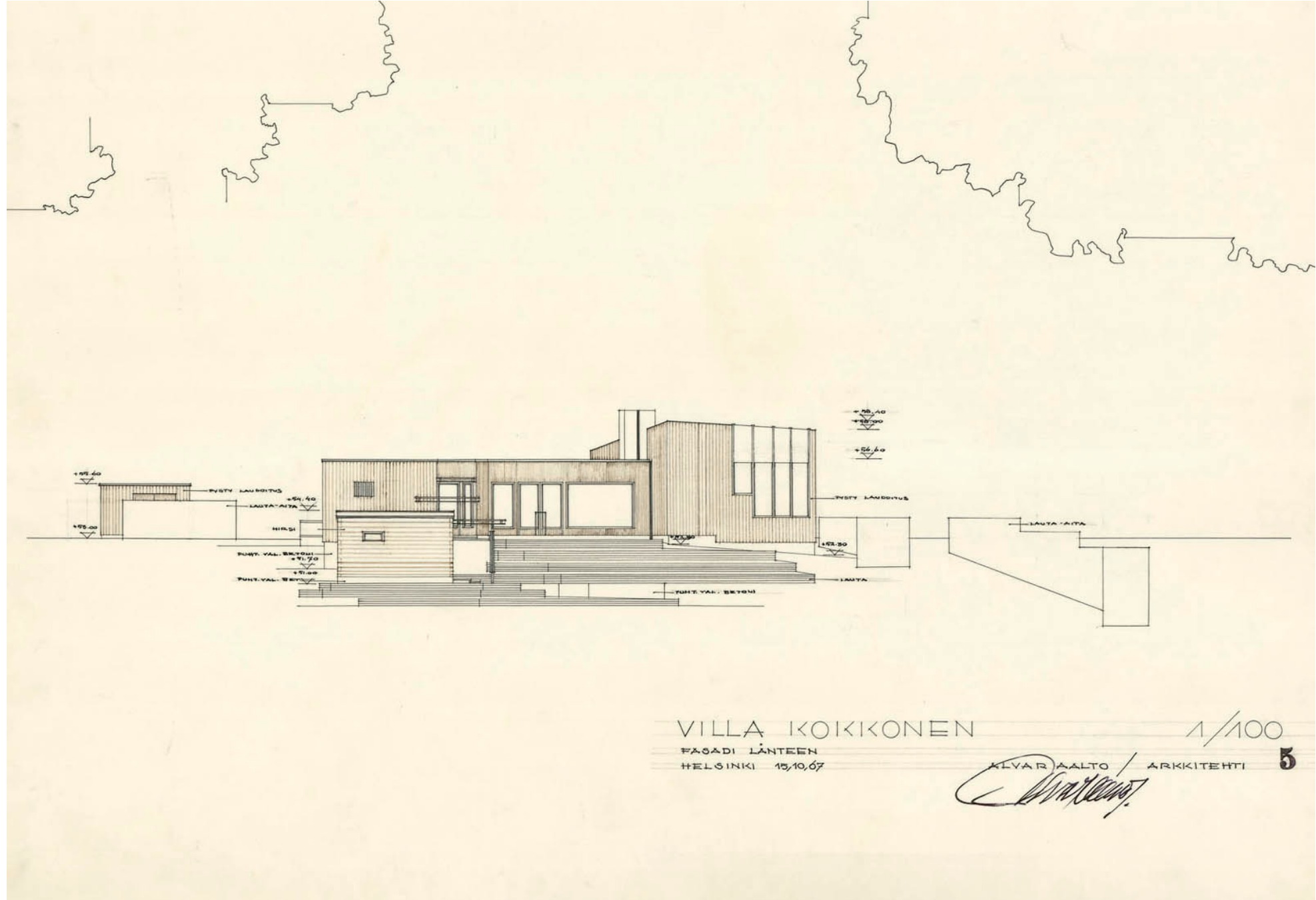
Alçado, Villa Mairea, Aino y Alvar Aalto, 1937-38



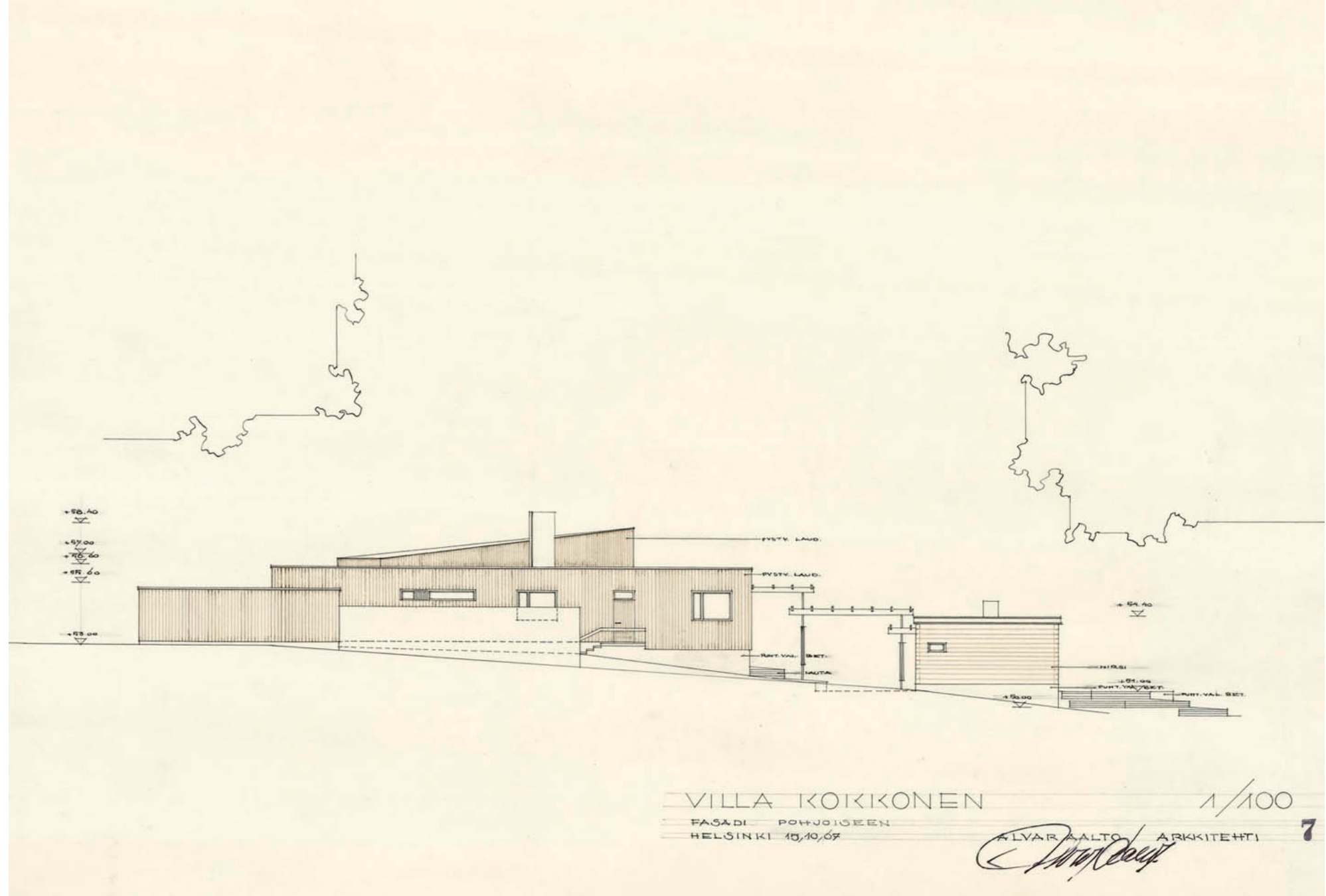
Alçado, Villa Mairea, Aino y Alvar Aalto, 1937-38

Outros desenhos

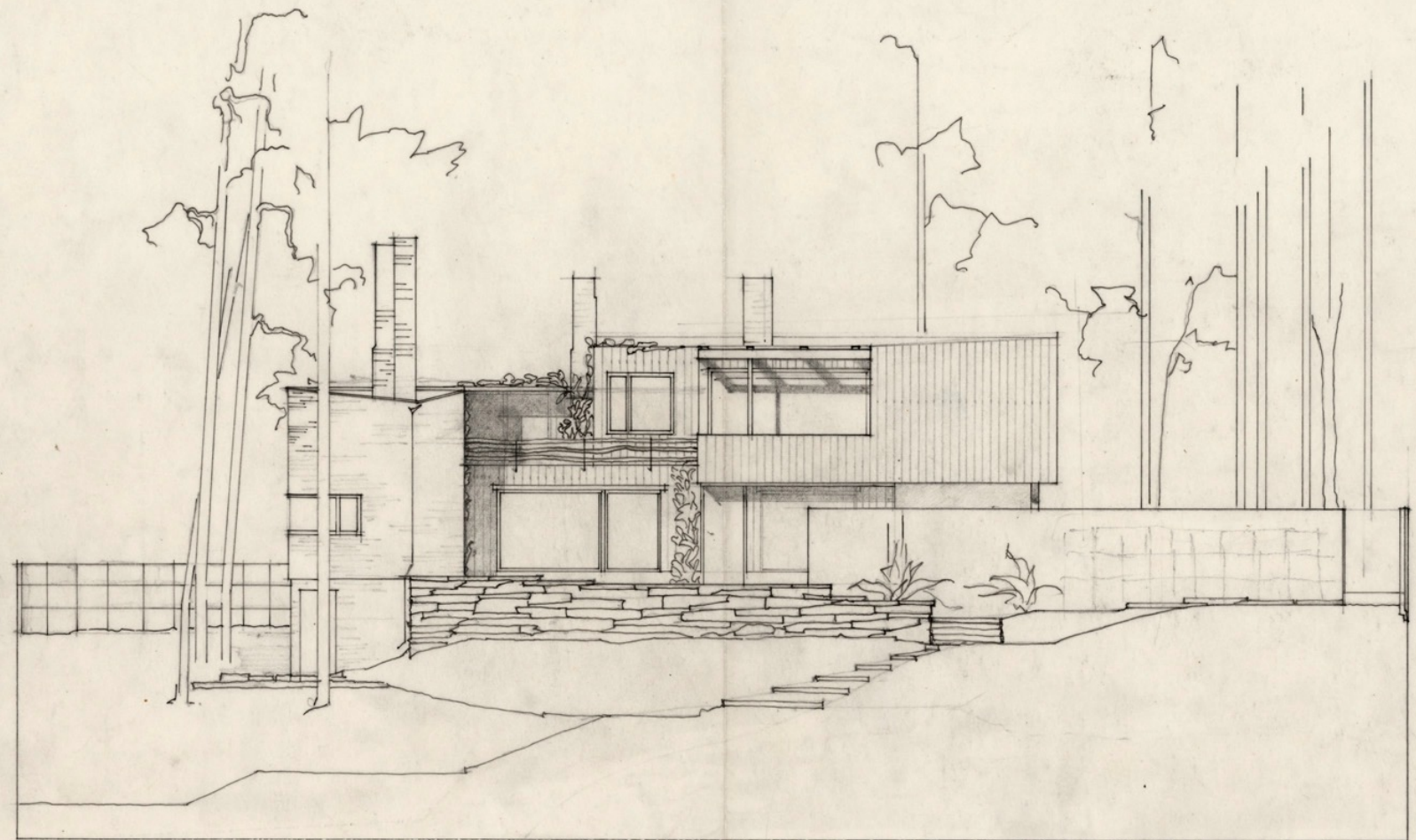
Studio Aalto



West elevation, Villa Kokkonen, Aino y Alvar Aalto, 1967



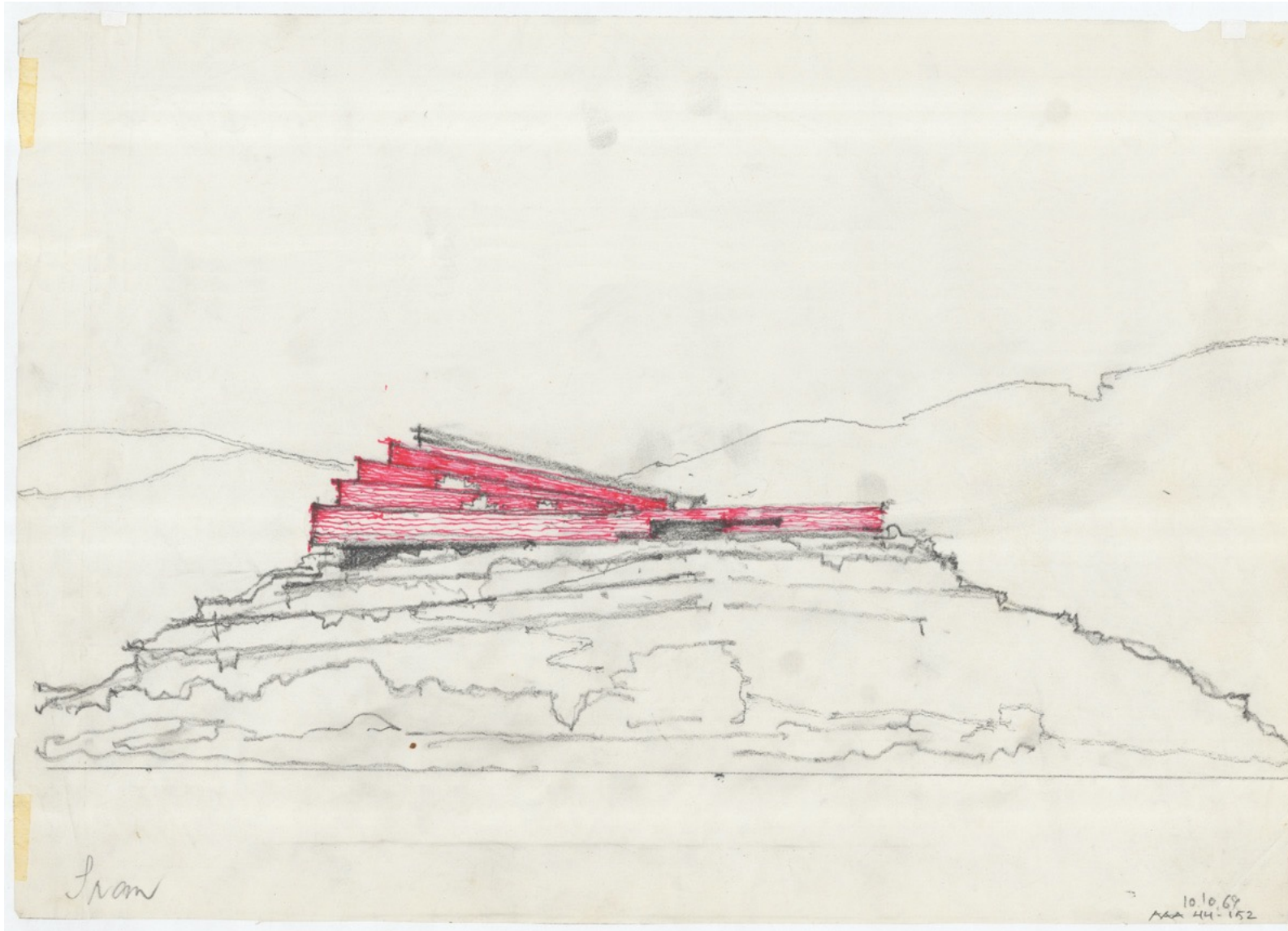
North elevation, Villa Kokkonen , Aino y Alvar Aalto, 1967



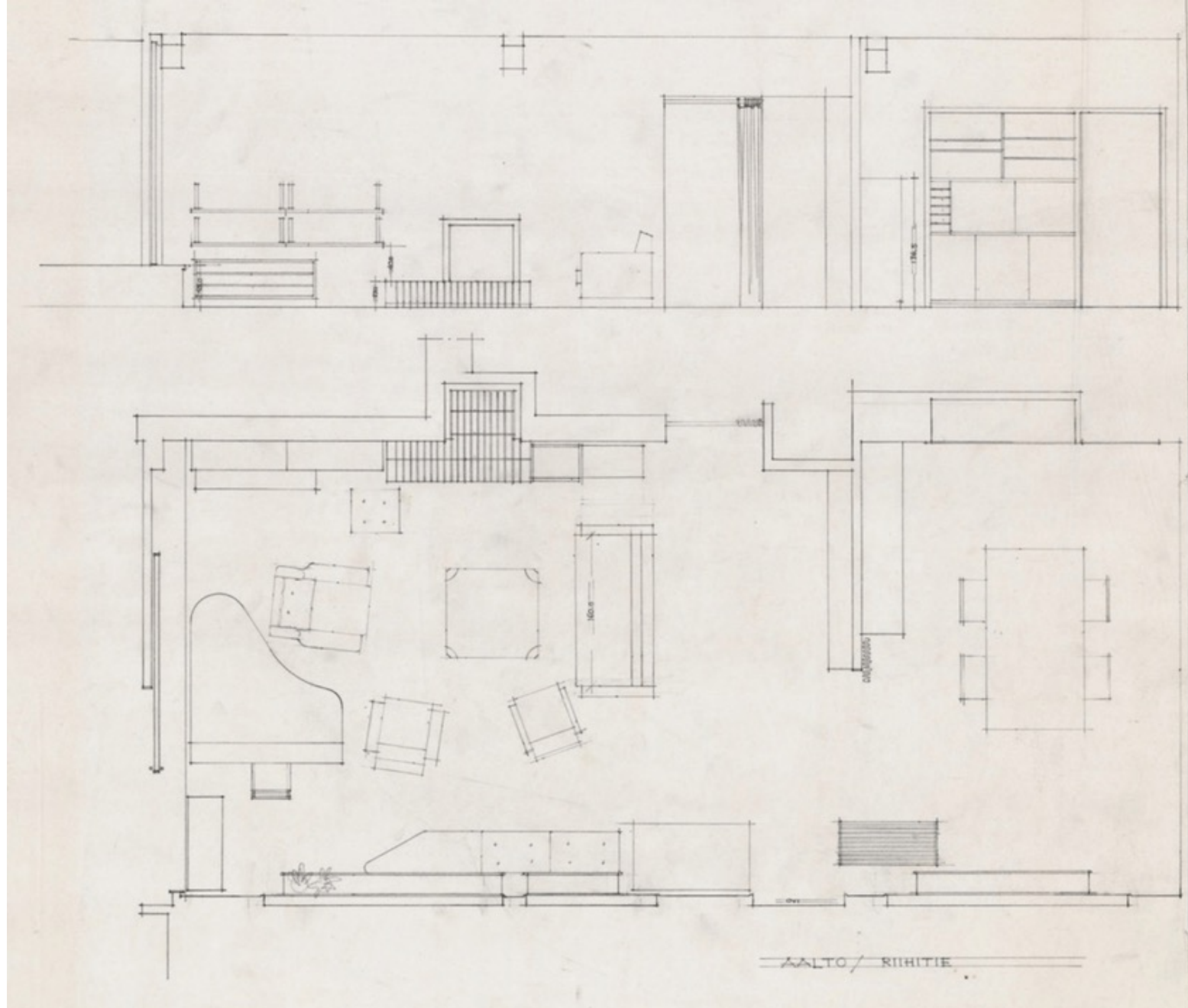
YKSITYISTALO AALTO / MUNKKINIEMI / HELSINKI / PUUTARHANPUOLI / 1:100.

ARKKITEHTITOIMISTO
ALVAR AALTO & CO
SIGN. 84/65

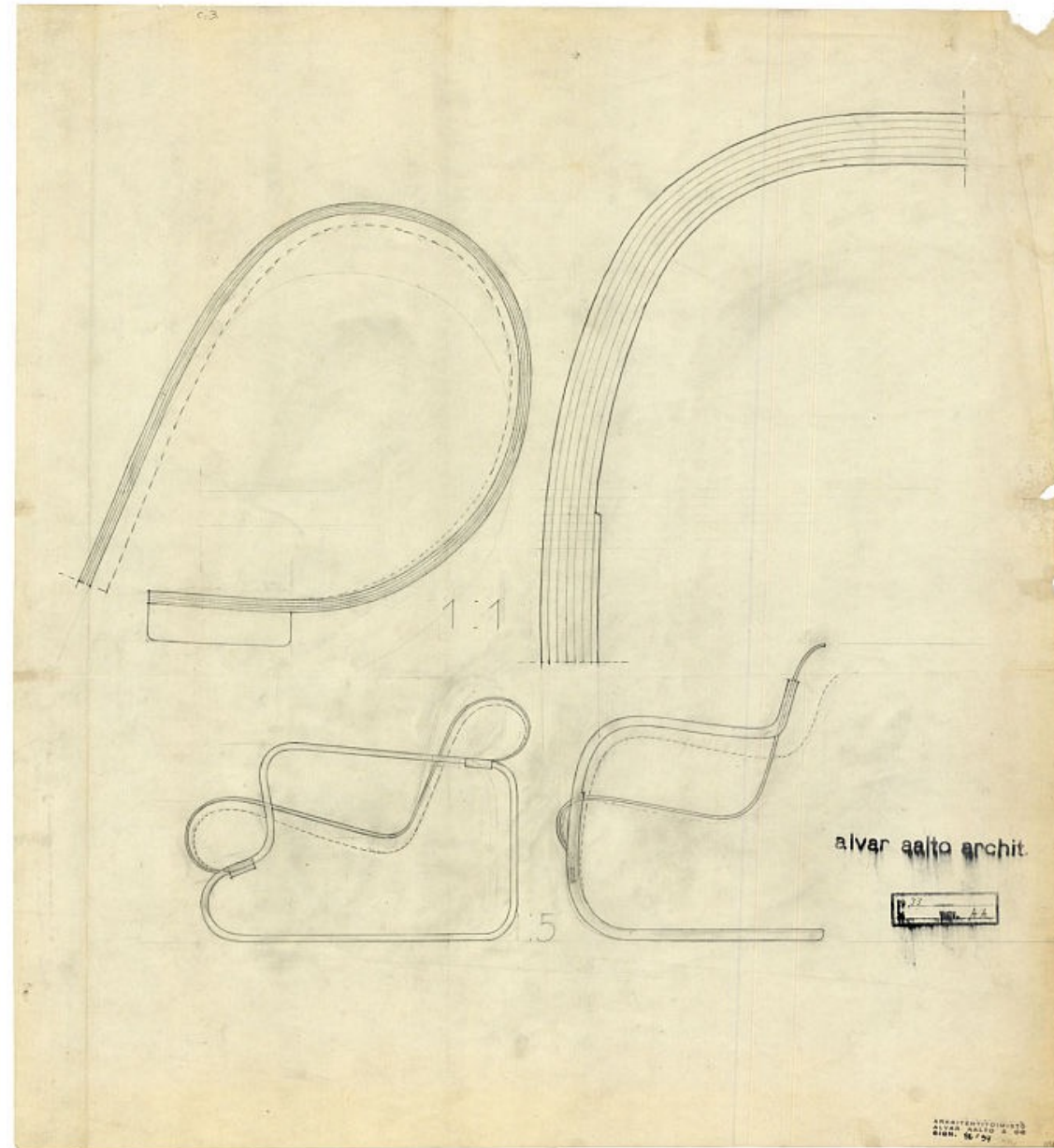
South elevation, The Aalto House Aino y Alvar Aalto, 1935 - 1936



Shiraz Art Museum, Iran, Alvar Aalto, 1969-1970



Aalto's Drawing of His Own House and Studio Showing a Hierarchical Transition of Spaces Seen from the Open Transit Zone to Semi-enclosed Sitting Area next to the Fireplace.



Sketches for the Paimio armchair



Studio Aalto, Helsinki

Bibliografia:

Siza, Álvaro, *Alvar Aalto: algumas referências à sua influência em Portugal* – Siza, Álvaro - 01 textos.
Porto : Civilização, 2009.

Fleig, Karl - Alvar Aalto. 6ª ed. . Barcelona : Gustavo Gili, 1998. (obras y proyectos). Bilingue.
Alvar Aalto : Villa Mairea. [Helsinquia] : AAF, 1998.

Schildt, Goran - Alvar Aalto : obra completa : arquitectura, arte y diseño. Barcelona : Gustavo Gili, 1996.

Internet:

<https://www.alvaraalto.fi/en/works/architecture/>

<https://circarq.wordpress.com/2017/10/12/villa-mairea-aino-y-alvar-aalto-1937-38/>